

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

 Numero avulso. 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25

 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

Pela primeira vez, deixa de apparecer, hoje, nestas columnas, a chronica politica de POJUCAN.

Infelizmente, o estado de saúde do nosso collaborador não lhe permittiu, apesar de todo o seu esforço, escrever a nota com que habitualmente trata o assumpto da semana.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O TUICHÁUA DO CASTANHO

O meu doentinho não teve mais febre. Por segurança, dei-lhe ainda outra dóse de quinino, antes de partir, no dia seguinte. Chovera toda a noite, copiosamente. Saímos cedo, apesar da garôa impertinente e do céu alvamento e muito baixo. A picada estava encharcada e os igapós e igarapés mais fundos. Chegámos á margem do Jacaré, que parecia um rio grande. Havia attingido a crista do barranco e pouco faltava para transbordar pela floresta. Arrastára na sua furia a nossa velha ponte. Acompanhavam-nos apenas o *tuicháua* e dois indios jovens e robustos, com uaturás cheios de beijús, fructas e outras coisas, entre as quaes as suas redes, presos á testa por larga tira de embira.

Parecia impossível transpor aquella torrente impetuosa. Os indios fôram de opinião que devíamos voltar e esperar que as aguas baixassem, o que não passaria do dia seguinte. Perguntei ao *tuicháua* si era possível a passagem: respondeu que podia ser, mas tinha o ar pouco animador. O proprio Aturre parecia desanimado. Os outros indios haviam ficado na malóca. Teriam, quem sabe? algum interesse em não fazer a viagem naquelle dia?

O meu era justamente o contrario.

Pensava que o meu chefe poderia chegar ao Marary e não me encontrar.

Meditei algum tempo, buscando uma solução para o caso. Percorri o barranco para cima e a jusante do ponto onde terminava a picada, e os galhos quebrados da velha pinguela deixaram o chão esburacado. Só era possível a passagem si fôsse lançada uma ponte. Como fazel-o? Do nosso lado era um capoeirão de róça velha: não havia uma arvore que chiegasse á outra banda. O rio corria como uma bala, na expressão pittoresca dos soldados. Quem se atreveria a affron-tar aquellas aguas, que remoinhavam furiosas? Do outro lado, mais para cima do lugar em que existiu a cabeça da outra ponte, que era o pé da arvore que o rio levou, erguia-se magestosa uma massaranduba gigantesca. Seria a nossa pinguela. Mas era preciso ir cortal-a. Chamei o Antonio Cearense e perguntei-lhe si se atrevia a passar o Jacaré a nado, levando um machado.

—Desde que v. s. manda, sr. major, eu cumpro sua ordem.

—Pois bem: váe.

Mostrei-lhe a arvore e recomendei que a picasse de modo a caír bem para o nosso lado. O moço soldado despiu a camisa, prendeu o machado á cintura e atirou-se naquellas vora-gens, um pouco acima do lugar onde estavamos.

—Adeus rapaziada, eu vou me embóra—disse rindo e olhando para o João Antonio e os indios.

—Váe com Deus—murmurei.

O cearense era um grande nadador, como são todos os filhos do nosso sertão; e levado pela vertiginosa corrente, foi dar á margem opposta muito abaixo, logo acima de um salto. Chegou á arvore. Ouvimos o som das pancadas do machado dominadas pelo ruido das aguas.

Eu acompanhava, cheio de interesse, aquelle trabalho.

Gritou:

—Guarda, lá váe ella.

O gigante inclinou-se, a ramalhada

estalou como uma descarga de petardos e desabou com um fragor de tempestade, voando os galhos em estilhaços, e espalhando-se pelo rio e pela matta. Um dos nossos indios, que não se desviou a tempo, foi arrojado ao chão pelas ultimas folhas de um ramo, que lhe vergastaram as costas e o deixaram bastante contundido.

Estava lançada a ponte e a passagem franca.

Os indios puzeram-se a tocar nuns grandes tubos de taquarussú, que produziam um som forte, como o mugido dum boi.

Perguntei ao *tuicháua* porque estavam tocando. Chamavam os companheiros, que tinham ficado na malóca, certos de que voltaríamos.

Confessou-me, sorrindo, que haveria á noite um grande *puracy*, baile, e no dia seguinte fariam a festa do *Furupary*. Quasi voltei para assistir áquellas scenas, que tanto excitavam a mi-curiosidade.

Lembrei-me, porém, do meu querido e respeitavel chefe e amigo, que poderia chegar e não me achar; e segui.

Considerarei tambem que os indios provavelmente não consentiriam que eu fôsse testemunha das cerimoniaes do *Furupary*, prohibida aos profanos como eu.

A festa do *Furupary* é um segredo para os brancos e as mulheres.

Sómente os *Apgauas*, os *homens* da tribu, a ella pódem comparecer.

Por maior que seja a sua influencia e o seu poder juntos aos indios, o estrangeiro branco não é admittido. A mulher curiosa que não se póde dominar e se atreve a surprehender os seus parentes nacelebração dos vedados mysterios é coudemnada irremissivelmente á morte. Um indio quasi centenário, que morava abaixo da grande cachoeira do Curucúí, no Rio Negro, e que se alimentava de follas de *ipadú* (*cóca*), mascadas em mistura com fari-

nha torrada, afeiçãoou-se muito a mim e contou-me o que é o *Furupary*, mas não quiz, de modo algum, descrever-me as cerimoniaes rituaes das suas mysteriosas festas.

E' um pequeno *lingavá* de madeira, egual ao emblema do principio gerador, que os sectarios de Rudra ou Seva adoram nas festas desses grandes dias da «trimurti» brahmanica.

Em toda a vastidão do territorio immenso onde tupys e guaranys perambulavam, celebrou-se a festa do *Furupary*. Será um echo remoto e meio apagado ou creação original?

Rudra—o deus do trovão, o creador—da religião dos brahmas... Rudá... o deus gerador da theogonia brazílica.. Ananga.. o deus *incorporeo* dos hiudús, que Sevá fulminou quando elle o interrompeu nas suas preces para fazel-o amar Parvátí... Anhanga. o *espírito* dos sonhos. dos nossos indigenas— .. *Só espírito*; de *anhú*, *só*; *anga*, *alma*. O culto do *lingavá* será um resto de tradições quasi extinctas, que as migrações, através dos seculos, e os embates terriveis com outras raças não consentiram que se conservassem? Ou méra coincidência, como apregôam ser a perfeita identidade de nomes de cidades da Asia Menor que existiram ha dois mil annos e localidades do Yucatan e do Mexico?

Quanta luz traria a esse problema o conhecimento das linguas dos indios da America? Os sabios não se demorem, porque elles vão desaparecendo rapidamente.

Passámos o Jacaré Quando cheguei ao outro lado, chamei o soldado e disse-lhe: «Muito bem; fizeste um bom serviço. Agradeço-te.

O *tuicháua* caminhava sempre a meu lado, com a zarabatana e o carcaz de flechas envenenadas, a tiracollo,

Já nos preparavamos para buscar um pouso afim de passar a noite, quando cantou á nossa direita, muito perto, um bando de jacamins, com a sua vóz de ventriloquos.

O *tuicháua* poz o indicador nos labios fechados e indicou-me uma arvore para que me escondesse atraz. Agachou-se, de cócoras, occulto por um páu caído, e chamou as bellas aves mesureiras, imitando-lhes o canto. Não se podia distinguir um do

outro. Sentia-se, pela vóz, que o bando vinha se aproximando. Eu estava attento e chegava a suspender a respiração, para não fazer ruido. Assomou a primeira com o peito de um verde de tons metallicos, entre bronze e ouro, e as costas prateadas. Depois, outro e mais outros. Eram seis.

A matta virgem das terras altas é limpa, e a distancia que separava do bando o caçador ia diminuindo rapidamente.

Ao canto da chama, as aves respondiam curiosas, olhando na direcção do páu caído e caminhando para lá. Caíu uma, depois outra, uma terceira e todo o bando. Nada se ouviu. Eu, que observava attento a singular caçada, vi sómente o *tuicháua* tirar rapidamente do carcaz um maço de flechas, introduzir uma de cada vez na zarabatana e soprar com as bochechas muito cheias. O veneno era forte: a ave, ferida, caía. Só a primeira pareceu espantar-se dando um pulo. Nem uma vi estrebuchar: ficavam paralyticas.

Já tinhamos uma bôa provisão para o jantar daquelle dia e o almoço do seguinte. Dormimos á margem do igarapé «Tariirá» numa clareira da bellissima floresta.

Chegámos ao porto de Marary no outro dia á tarde, tendo palmilhado aquella picada accidentadissima por montes e valles, rios e atoleiros, sem ficarmos estropiados, apezar das muitas raizes de *turury* atravessadas na picada. As suas arestas afiadas faziam mal aos pés descalços da comitiva.

O velho chefe, querendo uma vez desviar-se de uma bastante alta, deu uma topada, distraído, e, com o pé no ar e algumas gottas de sangue no grosso artelho, disse-me:

—*Ce irúmuára, ce pi omanô.* (*Companheiro, meu pé morreu*).— Dizia estar muito habituado áquellas asperezas, porque continuou o seu caminho, como si nada houvesse acontecido.

Alguns dos indios, que ficaram para traz, chegaram, ao escurecer, ao acampamento com dous «*taiassús*» (*porcos do matto*) mortos, e um pequeno, vivo, que tomei para meu *xerimbabo*.

O Araujo não havia ainda chegado. Estimei muito porque tive tempo

de preparar-lhes, e aos companheiros um bom acampamento. Toda a gente inclusive a do *tuicháua*, empregou nesse serviço, roçando o matto, limpando o terreno e construindo ranchos e galpões. Mandeí fazer uma meza de taboinhas de *pashiúba* e, redor della, bancos do mesmo material, onde todos nos pudesseamos sentar, inclusive o velho indio, que é nosso hospede.

Perto do galpão reservado ao comidoiro, fez-se um outro, pequeno, pa cosinha, afim de abrigar do máu tempo o nosso cosinheiro, o velho Osorio, os seus ajudantes, que eram tantos quantos os nossos camaradas, e mais um grande numero de *addidos*.

Convidei o *tuicháua* para a minha barraca. Sentou-se num banquinho de lona feito no Arsenal de Guerra e na minha cama de campanha. Sobre a meza estavam alguns livros, o meu relógio, lapis, reguas e esquadros, cadernetas de serviço, um tinteirinho de móla, coberto de couro, a minha lanterna e um retrato em moldura de prata cinzellada.

Quiz saber para que servia cada um daquelles objectos, como se faziam si tinham sido fabricados por mim.

Era duma curiosidade de menino vivo e esperto. Indagava de tudo.

Perguntou-me em que rio eu morava e si o meu *tuicháua* era velho ou moço. Disse-lhe que era um homem muito grande e bonito, com barba muito compridas e alvas. Que não era um *tuicháua* como os outros, porque mandava a todos os *tuicháuas*—era um grande *murucháua*.

Quiz saber quantas mulheres tinha ou si era uma só como a delle; si tinha muitos filhos; si era valente e tinha muita força; si flechava bem e governava com destreza uma canôa nas cachoeiras.

—E' elle quem faz essas *muckáua* (*espingardas*) dos soldados?

Enalteci, o mais que pude, o nosso Imperador, mas tive de mentir ao meu amigo, porque não eram essas as qualidades que o distinguiam. Si lhe dissesse que era um sabio e membro do Instituto de França, não me comprehenderia.

Indagou quanto tempo se gastaria para ir á grande malóca do *murucháua*

cháua. Disse-lhe que numa lua e meia chegaríamos.

—Muito longe—respirou para dentro—Si não fôsse tão velho, iria contigo.

Poz-me em serias difficuldades porque quiz que lhe descrevesse a malóca onde moravamos com o *murucháua*. Disse-lhe que a sua malóca era muito grande e muito alta, toda de pedra, onde morava com a mulher e as filhas e alguns pagés, e outros homens, que trabalhavam para elle.

Por mais intelligente que fôsse aquelle indio, não pude comprehender o que eu lhe contava e fitava-me com os olhos abertos e apavallados.

Era impossivel dar-lhe uma idéa approximada do que desejava saber, porque não só não me entendia, como a lingua que ambos falavamos não tinham vocabulos que pudessem exprimir idéas e objectos e costumes proprios da civilisação.

Viu os meus borzeguins de couro branco e perguntou-me si eu era *sapateiro*. Queria saber o nome portuguez de cada objecto. Distraía-me immenso aquella selvagem intelligente, o mais notavel que encontrei nas minhas peregrinações pelo territorio indio.

Não cançava de perguntar e perguntou tanto e tão a miúdo, sem me deixar um só instante, que eu já estava fatigado e não mostrava o mesmo interesse em responder.—Olhou para o retrato emoldurado, tomou-o, mirou-o de perto, muito, e disse:

— *Puranga retê* (muito bonito)
Auá tahá? (Quem é?)

Respondi— *Ceremirekó*—

Ri-me satisfeito e dispuz-me então la melhor vontade a satisfazer a sua curiosidade infatigavel. O elogio tihia me feito desculpar. tudo.

Dois dias depois de estarmos no *Marary*, veio dizer-me que vinha muita gente de baixo.

Descemos ao porto e nada percebemos, o Jardim e eu, que nos indicasse o que elle acabava de annunciar. Chegaram outros indios e todos affirmam:

—« *Aiquê oíri igaraitá tumaçáua ni*—(*Ai vêem canôas de baixo*).— Ouvimos depois as pancadas dos remos mandei dar dois tiros. Dois outros responderam e mais gritos e vivas.

Não é facil bem avaliara alegria que se apudera dos que se encontram no deserto, quando o odio não os separa. Foi festivo aquelle dia, 3 de abril, em que o Jardim, o Stradelli e eu abraçámos os nossos bons amigos, Araujo, Dantas e Aguiar, que chegaram fatigados da penosa viagem, através de cachoeiras formidaveis, onde era frequentemente preciso descarregar as canôas para poderem subir. Eu senti indizivel satisfação, não só pelos caros companheiros que não via havia muito tempo, como por sentir mais proximo o dia do nosso regresso ao Rio. Falta o Alfredo Costa, o nosso secretario e chefe do fornecimento, que havia obtido uma licença do Governo para tratar da sua saúde muito comprometida. Naquellas regiões, é raro escapar dos ataques da terrivel malária, que, si não mata logo com accessos vigorosos, váe pouco a pouco minando o organismo até cachetizal-o. Nessa epocha, não suspeitava que os mosquitos que cantavam aos nossos ouvidos e nos ferretoavam a pelle eram os transmissores do hematozoario causador de tantos desastres. Dóses altas e repetidas de saes de quinina eram a nossa defeza, quando a febre se manifestava. Mas os anophéles continuavam sempre persistentes e a enfermidade voltava.

Hoje, que a causa é conhecida e os meios prophylaticos de facil emprego, e vulgarizados a ponto dos profanos os conhecerem, os nossos camaradas, officiaes e soldados, que são destacados para essas regiões, continuem a ser victimados inexoravelmente. Bastaria acautelal-os, do mesmo modo que os medicos japonezes fizeram aos seus camaradas na Mandchuria.

O chefe da commissão agradeceu-me as boas informações que lhe dei sobre a geographia daquella parte da fronteira e incumbiu-me de voltar ao outro lado da cordilheira para reconhecer e fixar a posição do cerro Guái, o ponto em que o divisor de aguas é cortado pelo caminho do Castanho, e o mais que eu julgasse util para maiores detalhes da nossa demarcação.

Iriam commigo o José Jardim e o velho Aguiar, com uma pequena ambulancia, que arranjou com o cunho meticoloso que sabia dar a tudo que fazia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A LIVRARIA

«RELIQUIAS DE CASA VELHA»,
PELO SR. MACHADO DE ASSIS.
EDIÇÃO DA CASA GARNIER.

Não ha auctor brasileiro contemporaneo que mais do que o sr. Machado de Assis goze da estima e do apreço geraes dos nossos homens de letras. Junta-se hoje a esses sentimentos o da veneração que se lhe deve pelos honestos e trabalhados annos que já lhe pezam aos hombros.

Esse prestigio vem de longe. Desde o começo de sua carreira litteraria que o sr. Machado de Assis sempre foi dos mais bem accetos; seu nome, uma vez lançado, ainda não soffreu nem mesmo um eclipse.

De certo tempo por deante, elle ganhou a auctoridade de um companheiro mais velho entre aquelles que já o encontraram trabalhando, vindo de outra geração, em que a morte e as vicissitudes fôram abrindo claros de fazer calafrio a outro que não tivesse a sua constancia, pertinacia e calma. «Companheiro mais velho» seria elle quem dissesse; os outros entenderam reconhecê-lo como mestre, como chefe.

Desde ali que o sr. Machado se fixou nessa situação, ganha naturalmente, sem artificio ou violencia alguma, e essa a razão pela qual ninguém, dentre o circulo predilecto, que tem sido sempre a gente mais bem collocada nas letras e no jornalismo, lembrou-se em qualquer tempo de dissentir dos outros neste particular.

E' preciso conhecê-lo um pouco de perto, ver como elle é antes de tudo carinhoso e cheio de interesse para com os seus amigos, como tem desenvolvido os sentimentos de affecto e de apreço, para achar as razões sentimentaes dessas coisas, que nunca são conquistadas exclusivamente por superioridade intellectual. Ser superior nunca foi razão bastante para um homem se fazer amar.

De qualquer modo, o que é evidente é o facto da conformidade desse sentimento geral de estima e de apreço, em que váe tanto de admiração pelo mestre no mundo das letras. Não ha quem lhe negue valor hoje em dia e a muitos esse valor parece grande e raro: uns o sentem, outros vão nessa fé.

Entre estes ultimos, já não se encontram litteratos sómente: está com elles uma boa parte do nosso publico.

Felizmente já passou a ser de bom tom, hoje em dia, ler ou dizer ter lido alguns dos nossos auctores; abrem-se os seus volumes mesmo no bonde. Si é um livro que acaba de ser posto á venda, cujas primeiras paginas se vão cortando para satisfazer a ancia da curiosidade, ainda mais *chic*.

No numero desses bem acceitos, e em primeira plana, figura o sr. Machado de Assis. Ninguem mais vae dizer que não gosta delle como escriptor. Note-se, principalmente delle, tanto mais quanto se esteja em rodas reputadas as mais finas do ponto de vista intellectual.

Na minha opinião, foi um resultado feliz esse a que se chegou relativamente ao nosso infatigavel e digno patricio. Elle merece de todo ponto a distincção alcançada.

Mas, por outro lado, o certo é que não é grande a parte do publico que saiba perfeitamente porque assim o distingue. São poucos os que sentem a obra delle de um modo integral.

Culpa do publico ou defeito do auctor? Uma coisa e outra, no meu entender.

O sr. Machado de Assis é um psychologo antes do mais; é como estudo da alma humana que a sua obra não tem par entre nós, principalmente por ser a mais consideravel. No conto e no romance, um ou outro notavel talento desse genero tem-se estréado; ficaram, porém, na estréa, ou pouco mais, até aqui.

Mas o psychologo não póde evitar impunemente certos tropeços. Pertença a que raça ou a que sociedade pertencer, nem sempre encontrará na palheta côres felizes para dar conta honestamente de certos aspectos dessa sociedade ou dessa raça; ao contrario, os seus quadros não hão de ter sombra.

Mais do que isso. Nos estudos que empheenda, elle não póde evitar que lhe escape uma impressão ou outra muito flagrante de caracteres contemporaneos, principalmente daquelles que lhe foi dado conhecer por convivencia reiterada.

Dahi, a impossibilidade de atravessar a vida sem qualquer choque mais ou menos rude entre elle e o seu meio, de modo geral e mesmo particularmente com um ou outro individuo.

Por consequente, si elle projecta fazer uma obra claramente e patentemente fiel e que desperte vivo e constante interesse até ao euthusiasmo,—como aconteceu ao Eça, para falar de um auctor conhecido por todos,—preciza dispor de certa bravura.

Ora, é o que não acontece com o sr. Machado de Assis, pelo meus de certo ponto de vista. Paginas ha na sua obra que para serem encontradas pedem uma intrepidez bem pouco commum de alma; ellas só se proporcionam áquelles que sobem a uma certa altura na dôr; demandam o que se chama heroicidade intellectual.

Esta, porém, passa geralmente despercebida aos olhos do mundo. A outra, mais caracteristicamente moral,

de mais effeito, e isso talvez porque importe em riscos mais immediatos, como eu digo, não está nas cordas do nosso illustre escriptor. Elle sempre fugiu a essas luctas de corpo a corpo.

Talvez devido a isso é que nos tenha dado uma obra. O meio em que agimos, como já o disse o sr. José Verissimo, fazendo justamente, em outros termos, estas observações, é ainda hoje muito limitado; o escriptor se acha aqui, por emquanto, num grande desamparo, para arriscar caminho por tão asperos trilhos.

Não é culpa do sabio realizar apenas o possivel. Para isso, ahi está a historia dos lamentaveis naufragios de uns quantos que pretenderam passar além do Adamastor que a epocha lhes antepunha. Si ha culpa, pois, ella deve ser antes attribuida á atmosphera em que temos fatalmente de nos desenvolver.

A obra do sr. Machado de Assis, de *Braz Cubas* para cá, é em bôa parte uma série de curiosas allegorias. Este genero permite trabalho mais desafogado, embôra exigindo maior força de imaginação. Mas é de si annuado e instavel. Facilmente escapa ao alcance commum; ha coisas que nem mesmo os mais argutos pôdem estar certos de haver bem interpretado.

Além disso, a par da discreta concepção que o sr. Machano de Assis adoptou, foi se desenvolvendo nelle, de modo muito logico, aliás, um gosto crescente pela discreção e aristocracia da fórmula. Os facéis recursos emocionaes de que se utiliza o commum dos auctores de obras de ficção, vieram lhe merecendo de cada vez mais decidido desdém.

A principio, foi francamente no *humour* inglez que elle procurou envolver os motivos sentimentaes de suas creações. Mas desse contraste, representado por um sorriso que chora ou por um pranto que sorri, que é o proprio da maneira dos Swifts, dos Thackerays, resulta um certo effeito ainda um pouco estardalhante, que as naturezas delicadas acabam tambem, ás vezes, por achar de má gosto.

No seu ultimo romance, *Esau e Jacob* e agóra em alguns contos das *Reliquias de Casa Velha*, livro que me fez escrever estas linhas, o sr. Machado nem mais *humour* propriamente ostenta.

Naquelle primeiro livro, elle compõe um drama inteiro sem chorar, sem quasi sorrir. Põe toda a força no motivo de dôr que nos dá; mas, feito isto, fala-nos, já não guardando apenas compostura, mas como si nos quizesse poupar até por completo, si possivel, ao forte choque que sentiríamos inevitavelmente contadas as coisas sem nenhuma contemplação.

Dir-se-ia um processo antes nico, pelo que nos conta o sr. Oliv Lima dessa admiravel gente japonica que chega ao absurdo de nos comunicar com o sorriso nos labios u desgraça fatal ou se referir com qu hilaridade á doença de um amigo p não melindrar a corrente ou disposi dos consentimentos alheios.»

Não fôsse o tom geral em que construido o livro, tom de que se flecte sempre uma leve ironia, ora fundo amarga, cruel, ora inoffensiv continuando a ser ironia apenas, uma questão de habito, de feitio; n fôsse isso e bem poucos viriam sufficientemente prevenidos para não s ffrerem uma decepção final e deixarem de acreditar que o auctor não fize mais do que estragar um bo assumpto.

Das superioridades que se encontram na obra do sr. Machado de Assis o que se torna geralmente mais sensitivo é a bôa lingua, a que todos se apegam para justificar a admiração em que dizem que o tem.

Ainda nesse particular, seria curioso estudal-o; ao menos indicar a interessante alchimia da sua fórmula. Ella não é propriamente velha; propriamente nova tambem não é; não tem duvida que é bôa, mas nem sempre o que se póde chamar rigorosamente correcto do ponto de vista luzitano, vindo com vem cheia de modismos brasileiros, registando melindrosamente os nossos *ques*, reflectindo, malleavel, a nossa blandicia tropical.

Mas o que eu tenho principalmente a dizer é que a bôa lingua nunca salvou, por si só, um escriptor. Apontar exclusivamente esse attributo como característica de um homem de letras, é implicitamente negal-o ou desconhecel-o.

Seja como fôr, o sr. Machado de Assis, com os elementos que os tempos lhe vieram proporcionando póde fazer uma obra, de que este ultimo volume, as *Reliquias de Casa Velha*, representa uma bôa confirmação.

Ha nelle trabalhos de primeira ordem. A minha predilecção é por estes tres contos: *Pae contra mãe*, *Maria Cora*, *A anecdota do cabriolet*, todos feitos á maneira de *Esau e Jacob*.

Principalmente *Maria Cora*. E' um largo e formoso trabalho, de uma arguta e uma bôa psychologia, muito humano, e, no fundo, muito sympathico, muito emocional.

Além destes e de outros contos, ha no volume alguns eusaios criticos de que me agradou bastante aquelle sobre as *Scenass da vida Amazonica*, do sr. José Verissimo.

Fecha o livro com duas comedias, *Não consultes medico*, *Licção de Botânica*, que parecem terem sido feitas

principalmente para salão e com o fim de agradar mais as moças, acabando uma e outra em casamento.

NUNES VIDAL.

ACADEMIA BRAZILEIRA

Da *Republica*, Bahia, num. 14, anno I:

« UM VERDADEIRO IMMORTAL

DOMINGOS OLYMPIO, esse magnifico psychologo do *Luzia Homem*, repudiado, a mando do sr. ministro do Exterior, pela politicagem que invadiu o templo da Immortalidade e da Sapiencia, recuza-se, agóra, á sua candidatura, para uma nova eleição, em que tem de ser preenchida a vaga do illustre e pranteado escriptor PEDRO RABELLO, na Academia Brazileira de Lettras.

Essa pertinacia do glorioso director dos *Annaes* é um symbolo da moralidade que o inspira na vida de intellectual.

Lembra-nos uma valiosa anecdota historica, relatada desde os tempos francezes de Luiz XV, quando o rei da Suecia visitou a capital parisiense.

Havia, nesse tempo e na côrte do rei honorifico, entre os seus auxiliares do governo, um ministro já então celebre pela sua austeridade caracteristica.

A visita do amado soberano da Suecia foi um successo para o reino da França.

E a hospitalidade dispensada á magestade scandinava, primou, essencialmente, pelo *ciceronis* que lhe foi dedicado.

Coube ao ministro mr. de Muy, o austero por excellencia, a missão especial de acompanhar o monarcha visitante, nas excursões numerosas pela grande capital do reinado de Luiz XV

Causava extraordinaria sensação, na epocha, a *Comédie Française*, e o character rigido e inamolgavel do ministro mr. de Muy, geralmente favoravel á companhia do jovem soberano da Suecia, pela vez primeira, num impeto de rebellião uobilitante, ontorgou-lhe a prerogativa de uma recnza formal.

Em chegando, pois, ás portas da sala do grande theatro, o ministro exclamou, energicamente, para o seu companheiro real.

— Senhor! A minha religião só me permite que eu vos acompanhe até aqui!

E o potentado sueco entrou só!

A esta hora, nos umbraes da Academia Brazileira de Lettras, em que-rendo outros fazel-o eleger como um de seus membros, o homem de lettras DOMINGOS OLYMPIO ficou com o direito de dizer, como o grande ministro da França, na defeza de sua moral:

— Senhor! A minha honra de lettrado só me permite chegar até este umbral!

E foi essa a attitude do fulgurante escriptor, levantando-se, pela segunda vez, a sua candidatura para collocação entre os Immortaes.

Elle disse, categoricamente, nas paginas de sua elegante revista, não poder corresponder á indicação de seu nome, pelo sr. Belmiro Braga, « por ter eliminado a immortalidade do quadro das suas aspirações. »

Eis ahí uma eliminação que faz um verdadeiro immortal. — *Almachio Diniz.* »

SOBRE O AUCTOR do estudo *A Philosophia do Futuro*, escreve-nos do Recife o prof. Phaelante, da Faculdade de Direito, umas brilhantes notas, das quaes, por ora, só podemos dar os seguintes trechos, de méra informação.

Prado Sampaio é um franco atirador, luctando por conta propria, sem ter o habito de ouvir nas batalhas campaes da lettra redonda — o seu nome repetido na sanfona das referencias calorosas do conluio.

O auctor das paginas que se seguem, si não é um sabio amadurecido nas grandes noitadas das cogitações, e si não é um estylista, como Eschylo, de quem Aristophanes pôde espirituosamente dizer « *que as suas palavras traziam pennacho* », tambem não é um desconhecido no campo da litteratura nacional, num novato que tacteie pela primeira vez a estrada, como um cego sem gaia.

Ainda na Faculdade, em 1886, Prado Sampaio, filiando-se ás novas doutrinas juridicas ensinadas pelo seu grande patricio da pequena e prodigiosa patria sergipana — escreveu um opusculo sobre os novos horizontes do Direito, audaciosamente descortinados pelo darwinismo.

Depois, ora na imprensa jornalistica no Recife e em Araçajú, ora em pequenos livros, elle nos tem dado, em verso e prosa, varios attestados da fecundidade excepcional do seu espirito.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

QUE É A PHILOSOPHIA ?

No dominio do pensamento, quando a sciencia e a litteratura se desenvolvem dia a dia, brilhantemente influenciadas pelo actual momento historico, são visiveis o torpor e a completa inanição do espirito philosophico nacional.

E este facto, de geral reconhecimento, se deixou mais claramente accentuar no inicio do regimen republicano, quando se julgon necessario supprimir, desde logo, como inutil e anachronico, do quadro das disciplinas officiaes, o ensino da philoso-

phia. No emtanto, com razão escreveu Lange essa esplendida pagina da *Historia do materialismo*: « Quando uma era nova deve começar e uma era antiga desaparecer, é preciso que duas grandes coisas se combinem: uma idéa moral capaz de inflamar o mundo e uma direcção social bastante poderosa para elevar a um gráu consideravel as massas opprimidas. Isto não se opera com o frio entendimento, com systemas artificiaes. A victoria sobre o egoismo, que quebra e isóla, e sobre o gelo dos corações que mata, não será alcançada sinão por um grande idéal que apparecerá como *um estrangeiro vindo de outro mundo*, o qual, exigindo o impossivel, fará saír a realidade fóra de seus eixos. »

Effectivamente, tal é a licção da historia em todos os tempos.

Um exemplo, entre outros comprovadores da nossa asserção, importou o advento do christianismo.

Quatrocentos annos antes do seu inicio, a Grecia começava a abandonar a sua antiga theologia. Quem dirá, no emtanto, interrogamos nós, escudado no conhecimento das diversas manifestações da vida brazileira, que a Republica houvesse surgido por força de um desses idéaes victoriosos a que se refere o grande naturalista e pensador tedesco, idéal que trouxesse a serviço de seu *desideratum*, em lucta com as antigas concepções, com a anterior ordem dos factos, uma direcção social bastante poderosa para elevar a um gráu consideravel as massas opprimidas ?

Ninguem.

Sob o ponto de vista politico-intellectual, o idéal da revolução foi o da concepção positivista.

E, assim, a eclosão do 15 de novembro, não marcando um desses periodos que assignalam uma phase nova a surgir na vida de um povo, ao envez de melhorar na organização do ensino essa coisa irrisoria e inclassificavel que se dizia — *philosophia official*, nos trouxe a organização de um programma que considerou inuteis os estudos philosophicos, facto eloquentemente documentador desse tristissimo estadio de civilização nacional. Temos, entretanto, como idéa assentada que, qualquer que seja a escola a que se filie, jamais será dado ao pensador desconhecer o factor philosophico na historia evolucional dos povos, como um impulso desbravador de novos dominios em prol do idéal da civilização, que marcha hasteando o lábaro da conquista do terreno ainda não de todo desconhecido pela verificação scientifica. E, si assim é, que é que ainda se faz necessario para que a philosophia, estudada como a *mensageta* da sciencia, deva prender ao circulo completo de nossas meditações e consiga

e levar-se á mais alta indagação do espirito de uma epocha e da alma de um povo? Dar-se-á, por ventura, que á philosophia (*philos*, amor; *sophia*, sciencia), através de seus setenta seculos da historia, como manifestação ou disciplina do espirito, ou, ainda, como phenomeno intellectual permanente no seio das civilisações, não foi dado elevar-se á tona do *maremagnum* das idéas ao nivel das grandes e magnificas conquistas do espirito a esta hora do seculo?

Não, por certo.

A historia da philosophia, que é a historia do pensamento, ensina que em todos os tempos o idéal domina os differentes estadios evolucionaes e que, em nome da verdade, se deve proclamar que a civilisação é um producto da philosophia. Diz Eduardo Strasburger ser o methodo *philogenetico* o reclamado e o applicavel ao estudo dos organismos viventes.

Como e direito, como a moral, tambem a philosophia, no bom sentido da expressão, estudada á luz dos novos principios, entra naturalmente na categoria da *physiophilia* das funcções vitaes. Si ao estudo do seu *kosmos* não são totalmente applicaveis as leis que regem os conhecimentos das sciencias naturaes, pela força mesma dos differentes alvos que ellas se propõem atingir, nem por isso podemos deixar de collocar-a, esquadrando-a ao lado da sciencia, entre as creações fundamentaes da humanidade. Para o notavel auctor dos *Ensaio de Philosophia do Direito*, cinco são apenas as classes, as especies de actos dessemelhantes e phenomenos culturaes que constituem a civilisação, como ella se tem desdobrado desde os mais remotos tempos prehistoricos até os nossos dias.

Taes são: *religião, arte, sciencia* (comprehendendo *philosophia*), *politica* (comprehendendo *moral* e *direito*) e, finalmente, *industria*.

E este quadro completo,—de modo que não ha, nem jámais houve um só phenomeno humano, producto de suas actividades, ou resultante das energias do espirito, que não pertença a uma qualquer dessas classes,—tem ainda a sua comprovação, a sua prova real no estudo das manifestações da vida das nacionalidades. Mas, deixando á margem a analyse synthetica do quadro esboçado, basta ao objectivo que nos move a penna accentuar que, philogeneticamente, a sciencia é a dramatisação do esforço humano para explicar pelo raciocinio o phenomeno collectivo da vida universal, tendo por alvo supremo a verdade. E, na mesma ordem de considerações, trasladaremos para aqui as idéas brilhantemente manifestadas por Sylvio Roméro nos *Ensaio de Philosophia*

do Direito, que constituem um trabalho admiravel de synthese historico-scientifica e onde o seu talento polymorphico torna-se digno dos louvores incondicionaes de quantos, impavidos, combatem pela verdade scientifica, sem apprehensões de qualquer ordem.

«A sciencia em todos os tempos, diz elle, hontem como hoje, não tem sido outra coisa sinão o conjuncto dos esforços feitos pelo homem para explicar pelo raciocinio os phenomenos que se lhe deparam no Universo.

Sua arma é, pois, o dito raciocinio com todos os seus recursos tomados ao *methodo*; seu alvo, seu designio é a realisação do verdadeiro. Póde assumir dois aspectos: 1º a explicação directa de uma ordem qualquer de phenomenos, chamando-se, neste caso, sciencia particular, e havendo tantas sciencias particulares quantas ordens fundamentaes de phenomenos existirem; 2º, a intuição synthetica e geral das sciencias particulares e mais a apreciação de certas questões que até hoje não constituiram objecto de uma sciencia particular, como seja a da critica do conhecimento, chamando-se, neste caso, *philosophia*. Em ambas as faces, não renega nunca o seu *desideratum* da explicação racional dos phenomenos e em ambas parte da necessidade psychologica, da predisposição espontanea, instinctiva de saber, que aguilhôa a alma humana. Si procurarmos marcar os gráus diversos de sua evolução, encontraremos que, até hoje, atravessou quatro momentos principaes, como conjuncto de sciencias particulares e outros tantos como sciencia geral ou philosophia. No primeiro caso, a sciencia começou por um *empirismo espontaneo*, que assignala a posse das primeiras observações sobre as coisas; passou a uma especie de *dynamismo generalizado*, que define a tendencia de explicar os phenomenos recorrendo a energias ou forças a elles inherentes; elevou-se depois a um *realismo phenomenista*, que consiste na tendencia, hoje ainda muito espalhada, de explicar os factos por uma série de *physicismo geral*, ou por méras descrições dos mesmos factos, sem a inquirição de causas; finalmente, o *evolucionismo naturalistico* ou *monismo*, que está agóra em plena florescencia. Como philosophia, começou por uma especie de *architectonica do universo*, consistente nessa geral tendencia de explicar o mundo pela acção de certos factores ou *elementos*; passou a uma reacção que constituiu uma sorte de *architectonica das idéas*, inaugurada pelos sophistas, por Socrates e Platão; em seguida desenrolou-se a grande phase iniciada por Aristoteles, que tentou a *conciliação* entre as duas tendencias anteriores, estabelecendo o dualismo de

que se desenvolveram varios matizes; finalmente, a conciliação entre aquellas primitivas direcções pela doutrina da *immanencia* ou monismo». Do que vimos de dizer e trasladar decorre, como facto comprovado pela historia de todas as sciencias, que as descobertas mais grandiosas teem sempre surgido aos olhos da humanidade como os *luares crepusculares*, na bella expressão de Gumplowiez.

Então, anterior ao pleno dominio das coisas sonhadas, surge esse periodo de verosimilhança na ausencia de provas, de factos inconcussos, mas incapazes ainda de comprovar a descoberta da verdade da qual só havia a intuição. Quando, porém, em seguida, em prol da opinião se manifesta a marcha inteira do desenvolvimento da sciencia, e dos conhecimentos limitrophes já se tem armazenado uma certa somma de razões verdadeiramente semelhantes, eutão o facto ainda não demonstrado se impõe como quasi indubitavel, podendo-se falar de convicção scientifica, sem a necessidade de uma indiscutivel demonstração. Dito isto, é tempo de, antes de responder á questão cuja solução nos propuzemos, fazer, ainda que em traços rapidos e fugitivos, a evolução que os estudos philosophicos teem seguido neste paiz. Sylvio Roméro, em *A Philosophia no Brazil*, assignala como ponto inicial dessa evolução o *Compendio de Mont'Alverne*, impresso no Rio de Janeiro, no anno de 1859, afim de seguir-a, *pari passu*, em todo o seu desdobramento, até o periodo de 1875-1876, data do apparecimento dos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica* e d'*O Brazil como elle é, considerado sob o ponto de vista litterario*, de Tobias Barreto de Menezes.

Effectivamente, com o criterio da historia, é justo affirmar que a vida scientifico-philosophica brazileira começou após a Independencia.

No dominio da metropole não será dado á critica descobrir um trabalho de escriptor patrio capaz de fornecer uma medida qualquer de especulação philosophica. Foi depois de uma certa elaboração nacional que os nossos fastos intellectuaes marcaram o seu ponto de partida.

E assim é que, traçando a philogenese do espirito brazileiro, em sua trajetoria, Sylvio nos lembra que, quando muito, se poderiam organizar tres grupos de pensadores philosophos neste paiz, a saber:

1º escriptores educados sob o regimen do sensualismo metaphysico francez do principio do seculo passado, e que se transportaram para o ecletismo *cousiniano*; 2º, reactores neo-catholicos, que se deixaram prender ás doutrinas de Gioberti e Rosmini, ou ás de Balmés e Ventura; 3º e, final-

mente, espiritos que se vão emancipando sob a tutela das idéas de Comte ou de Darwin.

Mas, é justo logo que o digamos—é o que se deixa perceber n' *A Philo-sophia do Brazil*—foi o poderoso espirito de Tobias Barreto que abriu uma nova era nas lettras philosophico-nacionaes. Natureza privilegiada, além de poeta e orador e jurista e musicista e theologo, o nobre pensador dos *Ensaio*s attingiu as mais elevadas culminancias do pensamento philosophico, como veremos opportunamente. E, todavia, a despeito de sua larga influencia, a mais nitida e accentuada que ultimamente se viu exercida por um mestre sobre uma legião de discipulos queridos, ainda a esta hora a litteratura brazileira bem poucas obras de philosophia, propriamente dita, conta e acarinha em seu seio. Nós possuímos um critico-philosopho, como Sylvio Roméro; um legislador-philosopho como Clovis Bivilacqua; um philologo-philosopho, como João Ribeiro; um jurista-philosopho como Gumercindo Bessa; mas da philosophia por amor da philosophia rara só incidentemente se faz entre nós objecto de lucubrações.

Entretanto é tempo de inquirir:—que é philosophia? Será possível dar-lhe uma fórmula, estabelecer-lhe uma synthese, traçar-lha uma definição?

Variando o seu conceito através de innumeradas doutrinas, cuja somma total importa a sua philogenese, difficil é vazar-se em fórmula lapidaria a vastidão desse conceito. Todavia, si não como definição que comprehenda o todo definido e tão sómente o todo definido,—mas como o objecto de sciencia, nós o diremos: a philosophia é a synthese dos principios estabelecidos como interpretadores da vida e consciencia collectivas; o *processus* por excellencia do Universo interpretado pelo raciocinio.

E vê-se, claramente, que é á luz da concepção naturalistica, uma das faces da concepção monistica de Noiré, que havemos de mostrar, em rapidos traços, a evolução da idéa philosophica com intuito de offerecer, na indagação capital destas paginas, diminuta contribuição, mas sincera e desinteressada, ao problema da *Philosophia do futuro*.

PRADO SAMPAIO.

As officinas dos « Annaes », dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

Romances americanos Apareceram nos Estados Unidos tres novos romances de escriptoras *yankees*, que teem como thema o problema social. *The man of the house*, de Octavie Thannet, e *The grapple*, de Grace Macgowan Cooke, apresentam dois patrões, um dos quaes vindo do povo, os quaes pensando que poderiam melhorar a sorte das suas operarias, depois de terem sustentado luctas e *grèves*, chegam á conclusão de que é preciso, hoje, visto o estado de espirito do proletariado, acceitar as coisas como estão.

O terceiro romance, *The long Day* é muito interessante; a sua auctora, Dorothy Richardson, tinha sido operaria. Desempregada longos mezes, achou um logarsinho pequeno numa usina, ganhando uma migalha. Depois, á custa de muito trabalho, foi subindo; entrou numa fabrica de flôres, percebem então 15 francos por semana. Mas ali as companheiras odiavam-na; ella passava como de classe rica. Afinal, sáe da fabrica e torna-se stenographa, ganhando então por semana 100 francos. No fim do livro, a sra. Richardson expõe as suas idéas; declara que, para attenuar a triste condição das operarias, deve haver um bom systema de casa e de alimentação que esteja em proporção com o que ellas ganham.

* *

Instrucção na China Parece que o systema de instrucção que até agóra estava em vigor na China, desde o anno 2500 antes de Christo, váe afinal desaparecer. Um chinez não podia occupar uma posição official, politica, administrativa ou outra qualquer, si não tivesse feito exame das materias exigidas para ser um bom mandarim: historia e litteratura do imperio celeste. O imperador informou, por um decreto, ao seu povo, que os antigos uzos iam ser abandonados. Em muito breve, fundar-se-ão em toda a China escolas onde serão applicados os methodos do ensino moderno. O imperador elogia os jovens chinezes que viajam, dizendo-lhes que aprendam sempre, e ordena aos seus embaixadores que forneçam recursos aos estudantes, que, na Europa e na America, necessitarem de quaesquer auxilios.

* *

O novo romance Ainda este anno, da *Fogazzaro* vamos uma ligeira nota sobre o apparecimento em janeiro do *Il Santo*, o novo romance de Antonio Fogazzaro. O livro—aliás já se fazia constar isso antes da saída do *Santo*—tinha notaveis semelhanças com

outras obras antigas do escriptor italiano. Agóra completamos a informação, resumindo o entrecho do romance e editando—num verdadeiro contraste—as ruidosas acclamações da critica romana e a apreciação aspera do correspondente italiano da *Bibliothèque Universelle*.

A idéa principal da obra está exposta no segundo capitulo. Um escriptor catholico de tendencias liberaes, Giovanni Selva, cazou-se, em circumstancias bem phantasticas e romancescas, com uma jovem protestante, Mary Arxel, convertida á fé romana. Selva, que desejava dirigir as refórmias na igreja romana, reúne em casa um grupo de catholicos, com o apoio dos quaes conta com segurança. O abbade Merinier, de Genebra, é o orador da assembléa. Para o abbade suiso as refórmias realizam-se muito breve, porque as idéas estão em marcha e são mais fortes que os homens: «São os individuos, os messias, que fazem progredir a sciencia e a religião. Precizaes de um santo? Sabeis onde encontrar algum? Então trazei-me, quanto antes. Que elle tenha a palavra persuasiva e forte, uma caridade extraordinaria; eu direi o que é preciso fazer, e vosso messias fará, elle só, mais do que vós todos reunidos em assembléa.» A esse santo o abbade de Genebra prediz toda a sorte de vicissitudes. E' Benedetto o predestinado; adora extremamente Joanna Desalle—heroína doutro romance de Fogazzaro—e o seu primeiro cuidado é esquecer esse amor. Benedetto, depois de ter praticado uns tres milagres assombrosos, váe ao papa, expõe o seu programma de refórma da igreja. «Santo padre, a igreja está doente.» Aproveita a occasião e pede ao pontifice que não inclúa no index as obras do seu amigo Selva, que espozou a protestante convertida. «Eu sou um peccador, indigno de ser comparado a um santo, mas o espirito de Deus póde falar pela bocca do mais vil.» Benedetto depois váe ao ministro do interior italiano, explica as suas idéas, que julga alevantadas. Afinal não tem tempo de completar a sua missão; a morte já o arrasta, assim quer o romancista. Benedetto, moribundo, reconcilia-se com Joanna, que foi o grito de sua carne durante toda a sua vida de asceta. Morre calmo, tranquillo, nos braços daquella que o amou sempre, tão fiel e tão persistente.

O critico litterario do *Corriere della Sera*, Renato Sineoni, classifica o romance de Fogazzaro entre as obras mais elevadas, generosas e caracteristicas do nosso tempo, *una opera non moritura*.

As apreciações bondosas continuam; o fino intellectual que é o poeta Gio-

vanni Cena, apesar de certas reservas, declara no *Giornale di Torino* que *Il Santo* encerra as paginas mais nobres e commovedoras que Fogazzaro tem escripto.

As opiniões do collaborador da *Bibliothèque Universelle* são diametralmente oppostas; elle chega mesmo a dizer que poucas vezes viu um romance, abordando these tão vasta, estar assim tão fracamente trabalhado. Os typos estão traçados sem energia, todos mal deliueados, fracos, nos ares, e não está descripto no *Il Santo* o meio catholico onde se manifesta, actualmente, um renascimento tão forte. O critico continúa e transcreve o final do *Il Santo*, que lhe parece, a elle, uma enfadonha repetição de palavras, duma monotonia desoladora.

* * *

Imprensas officiaes De todas as impressas nacionaes a dos Estados-Unidos é a mais desenvolvida. Ficam em logares inferiores a França, a Austria e a Hollanda. O governo americauo gastou em 1905 com as suas publicações officiaes 35.405.000 francos e paga ao chefe dos 4.500 operarios, que trabalham nas suas officinas, cerca de 250.000 francos por semaua. Tambem de todas as impressas officiaes é a mais productiva; edita 14 periodicos, dos quaes 3 são quotidianos, 3 hebdomadarios, 1 bimensal e 7 mensaes.

ARMADA NACIONAL

Sob o titulo «Dois episodios maritimos», publicou o «Commentario», n. II, III série, deste mez, o curioso artigo que váe abaixo. O nosso collaborador Tonelero, a quem o escripto é dedicado, agradece, sobretudo, o valioso depoimento em favor da sua critica á nossa armada, iniciada no n. 39 dos «Annaes», agóra interrompida para ser reencetada no proximo numero.

Aos nossos collegas do «Commentario» muito agradecemos as expressões com que se referem a esta revista.

Sob a epigraphe «Armada Nacional» e sub-epigraphes suggestivas, o nobre e austero semanario OS ANNAES tem publicado alguma coisa que muito interessa ver divulgado, como é util divulgar um atlas de Ricord, para que se possam conhecer os estragos da syphilis, e evitar-se a propagação de tão corrosiva molestia.

Os nossos erros, as funestas consequencias da ignorancia e do desleixo, as grandes iniquidades administrativas não devem ser occultadas. Ha maior mal nisso. Beneficio é dar publicidade ao que envergonha para

que se não repita; TONELERO tem prestado um grande serviço; pedimos que inclúa na sua collecção o seguinte depoimento:

Foi em 1896. Presidia a Republica o dr. Prudente José de Moraes Barros. Um dia, o ministro do Interior, dr. Gonçalves Ferreira quiz mostrar-lhe as colonias de alienados da ilha do Governador, e convidou s. ex. para uma excursão.

Cedo se reuniram no Arsenal de Marinha pessoas notaveis, cedo compareceu s. ex., cedo se transportaram todos para bordo do hiate *Silva Jardim*.

Mar chão, dia claro, viração subtil. O hiate era commandado por um capitão de fragata; chefe de machinas, um capitão tenente; á prôa, em funcções de piloto, um primeiro tenente, sondando o fundo de instante a instante. O hiate singrava, lepido, as aguas da bahia, deixando atraz de si navios de guerra, navios mercantes, boias, pontões, ilhas, ilhotas, dourado tudo por um sol ainda a menos de 45° sobre o horizonte. A's 9 e 40, o hiate aproava para a enseada de S. Bento. A ilha do Governador atravessava-se-lhe na frente, longa, verdejante, pittoresca.

De repente, o navio arrastou no fundo, e a helice revolveu uma massa grossa que toldou o mar, em circulo. Pararam as machinas, e houve um sobresalto a bordo:

—Si o navio adernasse?

O hiate manteve-se em nivel; mas não podia tocar a vante, nem á ré. Felizmente, avistou-se, lá, perto de terra, uma embarcação que se deslocava. Era um cahique, e demandava o *Silva Jardim*.

Bons vinte minutos, remou o unico tripulante da fragil embarcação. Era um homem gordo, quasi espherico. Os braços em movimento isochrono eram uns braços de athleta; o rosto enorme, redondo e sereno, com duas covinhas onde se escondiam os olhos. Quando chegou ao costado do hiate, deixou cair os remos n'agua, tirou o bonet em signal de respeito, e voltando-se sorridente, para as numerosas fardas que se apinhavam junto á amurada do presidencial vehiculo, exclamou com uma surpreendente vóz de tenor:

—O canal não é aqui. Aqui é a corôa. O canal é por lá.

E com o braço gordo, em gesto largo, apontou a linha do canal a distancia!

S. ex. teve de ir para terra no cahique, e não tirou o olhar do espherico remador. Que pensamentos não tumultuariam no cerebro de s. ex.!

* * *

Foi em 1887. O vice-presidente da Republica, dr. Manoel Victorino Pereira, estava no exercicio da Presi-

dencia. Já se falava em Jacuacanga. Os apologistas da mudança do Arsenal de Marinha diligenciavam pela escolha desse local. O respectivo ministro resolveu uma excursão para mostrar a s. ex. o que era a decantada bahia. O transporte escolhido foi o vapor *Itaipú*, que a casa Lage Irmãos acabava de vender ao Governo, depois de certos reparos, mudando-se-lhe o nome para *Carlos Gomes*, até hoje mantido.

O *Carlos Gomes* estava fundeado em frente do estaleiro grande do Arsenal, popa voltada para o dique Guanabara, da ilha das Cobras. A bombordo, muitos navios mercantes e de guerra.

Entrára s. ex., recebido ao portolô por todo o almirantado. (Os *gros bonets* da marinha achavam-se, em maioria, a bordo). Dada ordem para desamarrar da boia, approximou-se do commandante um dos generaes da armada, que lhe disse e ouviu:

—No seu logar, eu tirava o navio daqui pelos queixos.

—Não sr., sr. almirante, eu saio bem.

—Tome o conselho de um tolo, mande tiral-o pelos queixos. Veja que espaço tem para manobrar.

—Está apertado, mas eu saio sem reboque. Arranjo-me só com as machinas.

Ordens fôram transmittidas: Á machina de bombordo tocaria á ré, e a de boreste a vante. Assim, o navio descreveria a curva necessaria. Logo, porém, que elle se mexeu foi para descaír só á ré, approximando-se lentamente da porta do dique que, por máu signal estava em secco. Sobresalto de toda a officialidade, quasi panico. Que é isto? Que é isto? Era a machina de boreste que não respondia. O commandante ordenou, rapido, que parasse a de bombordo; mas o navio adquirira movimento, e descaía sempre. Parece exaggero, mas *Tonelero* não fará a injustiça de suppor que eu fantasio: Um marinheiro, na ilha, ao ladô da porta do dique, livido, assombrado, chegou a estender o braço, como si o braço pudesse impedir o choque do navio.

Felizmente, nesse instante, a machina emperrada entrou a funcionar; notou-se uma hesitação do casco; e as duas, emfim, tocando a vante, decidiram-no a avançar, afastando-se do perigo imminente.

Estabelecida a calma, o prudente general repetia ao commandante do *Carlos Gomes*:

—Eu não lhe dizia? Eu não lhe dizia? Si isto bate no dique, não escapava um rato!

Na altura de Villegaignon, outra novidade: O *Carlos Gomes* navegava só com uma das machinas por causa de avaria em certa caldeira.

Chegou-se tarde a Jacuacanga. Pouco se viu, nada se fez. Regressou-se no mesmo dia; mas um aguaceiro e forte cerração produziram no commandante o receio de demandar a barra, de noite, com tantos almirantes e o Presidente a bordo. O *Carlos Gomes* arribou á ilha Grande, passou-se a noite na enseada do Abrahão; recomeçou-se a viagem no dia seguinte.

S. ex. enfatiou-se, deveras; e em roda intima, referiu com mordacidade as peripecias da viagem.

TAMANDARÉ

PAGINAS ESQUECIDAS

O «PRIMO BAZILIO»

Sob a epigraphe *Litteratura realista*, encontra-se no *Cruzeiro*, desta Capital, num. 105, de 16 de abril de 1878, um longo artigo de critica ao *Primo Bazilio*, de Eça de Queiroz. Firma-o ELEAZAR, antigo pseudonymo de um dos mais notaveis prosadores da nossa lingua e que é, hoje, o humorista original e justamente querido de tantos livros excellentes.

E' tão raro atacar, mesmo de passagem, a obra do inesquecivel auctor portuguez, que bem vale a pena reproduzir, nesta secção dos *Annaes*, essa curiosissima pagina esquecida.

Logo ás primeiras linhas, o leitor encontrará, sobre o *Crime do Padre Amaro*, o trecho a que Eça de Queiroz respondeu em nota á segunda edição desse romance.

Um dos bons e vivazes talentos da actual geração portugueza, o sr. Eça de Queiroz, acaba de publicar o seu segundo romance, o *Primo Bazilio*. O primeiro, *O Crime do Padre Amaro*, não foi de certo a sua estréa litteraria. De ambos os lados do Atlantico, apreciavamos ha muito o estylo vigoroso e brilhante do collaborador do sr. Ramalho Ortigão, naquellas agudas *Farpas*, em que aliás os dois notaveis escriptores formaram um só. Foi a estréa no romance, e tão ruidosa estréa, que a critica e o publico, de mãos dadas, puzeram desde logo o nome do auctor na primeira galeria dos contemporaneos. Estava obrigado a proseguir na carreira encetada; digamos melhor, a colher a palma do triumpho. Que é, e completo, e incontestavel.

Mas esse triumpho é sómente devido ao trabalho real do auctor? O *Crime do Padre Amaro* revelou desde logo as tendencias litterarias do sr. Eça de Queiroz e a escola a que abertamente se filiava. O sr. Eça de Queiroz é um fiel e asperrimo discípulo do realismo propagado pelo auctor do *Assomoir*. Se fôra simples copista, o

dever da critica era deixal-o, sem defeza, nas mãos do entusiasmo cego, que acabaria por matal-o; mas é homem de talento, transpoz ainda ha pouco as portas da officina litteraria; e eu, que lhe não nego a minha admiração, tomo a peito dizer-lhe francamente o que penso, já da obra em si, já das doutrinas e praticas, cujo iniciador é, na patria de Alexandre Herkulano e no idioma de Gonçalves Dias.

Que o sr. Eça de Queiroz é discípulo do auctor do *Assomoir*, ninguem ha que o não conheça. O proprio *Crime do Padre Amaro* é imitação do romance de Zola, *La faute de l'abbé Mouret*. Situação analogo; eguaes tendencias; differença do meio; differença do desenlace; identico estylo; algumas reminiscencias, como no capitulo da missa, e ontras; emfim, o mesmo titulo. Quem os leu a ambos, não contestou de certo a originalidade do sr. Eça de Queiroz, porque elle a tinha, e tem, e a manifesta de modo affirmativo; creio até que essa mesma originalidade deu motivo ao maior defeito na concepção do *Crime do Padre Amaro*. O sr. Eça de Queiroz alterou naturalmente as circumstancias que rodeavam o padre Mouret, administrador espirital de uma parochia rustica, flanqueado de um padre austero e rispido; o padre Amaro vive numa cidade de provincia, no meio de mulheres, ao lado de outros que, do sacerdocio, só tem a batina e as propinas; vê-os concupiscentes e maritalmente estabelecidos, sem perderem um só atomo de influencia e consideração. Sendo assim, não se comprehende o terror do padre Amaro, no dia em que do seu erro lhe nasce um filio, e muito menos se comprehende que o mate. Das duas forças que luctam na alma do padre Amaro, uma é real e affectiva, — o sentimento da paternidade; a outra é chimerica e impossivel, — o terror da opinião, que elle tem visto tolerante e cumplice no desvio dos seus confrades; e não obstante, é esta a força que triumpho. Haverá ahi alguma verdade moral?

Ora bem, comprehende-se a ruidosa acceitação do *Crime do Padre Amaro*. Era o realismo implacavel, consequente, logico, levado á puerilidade e á obscuridade. Viamos apparecer na nossa lingua um realista sem rébuço, sem attenuações, sem melindres, resolutos a vibrar o camartello no marmore da outra escola, que aos olhos do sr. Eça de Queiroz, parecia uma simples ruina, uma tradição acabada. Não se conhecia no nosso idioma aquella reproducção photographica e servil das coisas minimas e ignobeis. Pela primeira vez, apparecia um livro em que o escuzo e o—digamos o proprio termo, pois trata-

mos de repellir a doutrina, não o talento, e menos o homem, — em que o escuzo e o torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exacção de inventario. A gente de gosto leu com prazer alguns quadros, excellentemente acabados, em que o sr. Eça de Queiroz esquecia por minutos as preoccupações da escola; e, ainda nos quadros que lhe destoavam, achou mais de um rasgo feliz, mais de uma expressão verdadeira; a maioria, porém, atirou-se ao inventario. Pois que havia de fazer a maioria, senão admirar a fidelidade de um auctor, que não esquece nada, e não occulta nada? Porque a nova poetica é isto, e só chegará á perfeição no dia em que nos disser o numero exacto dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha. Quanto á acção em si, e os episodios que a esmaltam, fôram um dos attractivos do *Crime do Padre Amaro*, e o maior delles; tinham o merito do pomo defezo. E tudo isso, saindo das mãos de um homem de talento, produziu o successo da obra.

Certo da victoria, o sr. Eça de Queiroz reincidiu no genero, o trouxe-nos o *Primo Bazilio*, cujo exito é evidentemente maior que o do primeiro romance, sem que, aliás, a acção seja mais intensa, mais interessante ou vivaz, nem mais perfeito o estylo. A que attribuir a maior acceitação deste livro? Ao proprio facto da reincidencia, e, outrosim, ao requinte de certos lances, que não destoaram do paladar publico. Talvez o auctor se enganou em um ponto. Uma das passagens que maior impressão fizeram, no *Crime do Padre Amaro*, foi a palavra de calculado cynismo, dita pelo heróe. O heróe do *Primo Bazilio* remata o livro com um dito analogo; e, se no primeiro romance é elle caracteristico e novo, no segundo é já rebuscado, tem um ar de *cliché*; enfatia. Excluido esse logar, a reproducção dos lances e do estylo é feita com o artificio necessario, para lhes dar novo aspecto e egual impressão.

Vejam os que é o *Primo Bazilio*, e comecemos por uma palavra que ha nelle. Um dos personagens, Sebastião, conta a outro o caso de Bazilio, que, tendo namorado Luiza em solteira, estivera para cazar com ella; mas, fallindo o pae, veio para o Brazil, donde escreveu desfazendo o casamento. — Mas é a *Eugenia Grandet*! exclama o outro. O sr. Eça de Queiroz incumbiu-se de nos dar o fio da sua concepção. Disse talvez consigo: — Balzac separa os dois primos, depois de um beijo (aliás, o mais casto dos beijos); Carlos váe para a America; a outra fica, e fica solteira. Se a casassemos com outro, qual seria o resultado do encontro dos dois na Eu-

ropa? — Se tal foi a reflexão do auctor, devo dizer, desde já, que de nenhum modo plagiou os personagens de Balzac. A Eugenia deste, a provinciana singella e bôa, cujo corpo, aliás robusto, encerra uma alma apaixonada e sublime, nada tem com a Luiza do sr. Eça de Queiroz. Na Eugenia, ha uma personalidade accentuada, uma figura moral, que por isso mesmo nos interessa e prende; a Luiza, — força é dizel-o, — a Luiza é um character negativo, e no meio da acção idéada pelo auctor, é antes um titere do que uma pessôa moral.

Repito, é um titere; não quero dizer que não tenha nervos e musculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciencia.

Casada com Jorge, faz este uma viagem ao Alemtejo, ficando ella sósinha, em Lisboa; apparece-lhe o primo Bazilio, que a amou em solteira. Elle já o não ama; quando leu a noticia da chegada delle, doze dias antes, ficou muito «admirada»; depois foi cuidar dos colletes do marido. Agóra, que o vê, começa por ficar nervosa; elle lhe fala das viagens, do patriarcha de Jerusalém, do papa, das luvas de oito botões, de um rosario e dos namoros de outro tempo; diz-lhe que estimára ter vindo justamente na occasião de estar o marido ausente. Era uma injuria; Luiza fez-se escralate; mas, á despedida, dá-lhe a mão a beijar, dá-lhe até a entender que o espera no dia seguinte. Elle sáe; Luiza sente-se «afogueada, cansada», váe despir-se deante de um espelho, «olhando-se muito, gostando de se ver branca». A tarde e o noite gasta-as a pensar ora no primo, ora no marido. Tal é o introito de uma quédia, que nenhuma razão moral explica, nenhuma paixão, sublime ou subalterna, nenhum amor, nenhum despeito, nenhuma perversão sequer; Luiza resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciencia; Bazilio não faz mais do que empuxal-a, como materia inerte, que é. Uma vez rolada ao erro, como nenhuma flamma espiritual a alenta, não acha alli a saciedade das grandes paixões criminosas: rebolca-se simplesmente.

Assim, essa ligação de algumas semanas, que é o facto inicial e essencial da acção, não passa de um incidente erotico, sem relevo, repugnante, vulgar. Que tem o leitor do livro, com essas duas creaturas sem occupação nem sentimentos? Positivamente nada.

E aqui chegamos ao defeito capital da concepção do sr. Eça de Queiroz. A situação tende a acabar, porque o marido está prestes a voltar do Alemtejo, e Bazilio começa a enfastiar-se, e, já por isso, já porque o instiga um companheiro seu, não tardará a trasladar-se a Paris. Interveio, neste ponto, uma creada, Juliana, o character mais completo e verdadeiro ds livro; Juliana está enfarada de servir; espreita um meio de enriquecer depressa; logra apoderar-se de quatro cartas; é o triumpho, é a opulencia. Um dia em que a ama lhe ralha com aspereza, Juliana denuncia as armas que possui. Luiza resolve fugir com o primo; prepara um sacco de via-

gem, mette dentro alguns objectos, entre elles um retrato do marido. Ignoro inteiramente a razão physiologica ou psychologica desta precaução de ternura conjugal: deve haver alguma; em todo caso, não é apparente. Não se effectúa a fuga, porque o primo rejeita essa complicação; limita-se a offerer o dinheiro para reaver as cartas,—dinheiro que a prima recusa—despede-se e retira-se de Lisboa. Dahi em deante o cordel que move a alma inerte, de Luiza passa das mãos de Bazilio para a da creada. Juliana, com a ameaça nas mãos, obtem de Luiza tudo, que lhe dê roupa, que lhe troque a alcova, que lh'a forre de palhinha, que a dispense de trabalhar. Faz mais: obriga-a a varrer, a engommar, a desempenhar outros mistéres immundos. Um dia Luiza não se contém; confia tudo a um amigo da casa, que ameaça a creada com a policia e a prisão, e obtem assim as fataes letras. Juliana succumbe a um aneurisma; Luiza, que já padecia com a longa ameaça e perpetua humilhação, expira alguns dias depois.

Um leitor perspicaz terá já visto a incongruencia da concepção do sr. Eça de Queiroz, e a inanidade do character da heroina. Supponhamos que taes cartas não eram descobertas, ou que Juliana não tinha a malicia de os procurar, ou enfim que não havia semelhante famula em casa, nem outra da mesma indole. Estava acabado o romance, porque o primo enfastiado seguiria para França, e Jorge seguiria do Alemtejo; os dois esposos voltavam á vida exterior. Para obviar a esse inconveniente, o auctor inventou a creada e o episodio das cartas, as ameaças, as humilhações, as angustias e logo a doença e a morte da heroina. Como é que um espirito tão esclarecido, como o do auctor, não viu que semelhante concepção era a coisa menos congruente e interessante do mundo? Que temos nós com essa lucta intestina entre a ama e a creada, e em que nos pôde interessar a doença de uma e a morte de ambas? Cá fóra, uma senhora que succumbisse ás hostilidades de pessôa de seu serviço, em consequencia de cartas extraviadas, despertaria certamente grande interesse, e immensa curiosidade; e, ou a condemnassemos, ou lhe perdoassemos, era sempre um caso digno de lastima. No livro é outra coisa. Para que Luiza me attráia e me prenda, é preciso que as tribulações que a affligem venham della mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! dê-me a sua pessôa moral. Gastar o aço da paciencia a fazer tapar a bocca de uma cobiça subalterna, a substituil-a nos mistéres intimos, a

defendel-a dos ralhos do marido, é cortar todo o vinculo moral entre ella e nós. Já nenhum ha, quando Luiza adoeece e morre. Porque? porque sabemos que a catastrophe é o resultado de uma circumstancia fortuita, e nada mais; e consequentemente por esta razão capital: Luiza não tem remorsos, tem medo.

Se o auctor, visto que o realismo tambem inculca vocação social e apostolica, intentou dar no seu romance algum ensinamento ou demonstrar com elle alguma these, força é confessar que o não conseguiu, a menos de suppor que a these ou ensinamento seja isto: — A bôa escolha dos famulos é uma condição de paz no adulterio. A um escriptor esclarecido e de bôa fé, como o sr. Eça de Queiroz, não seria licito contestar que, por mais singular que pareça a conclusão, não ha outra no seu livro. Mas o auctor poderia retorquir: — Não, não quiz formular nenhuma lição social ou moral; quiz sómente escrever uma hypothese; adopto o realismo, porque é a verdadeira fórmula da arte e a unica propria do nosso tempo e adeantamento mental; mas não me proponho a leccionar ou curar; exerço a pathologia, não a therapeutica. A isso responderia eu com vantagem: — Se escreveis uma hypothese, dae-me a hypothese logica, humana, verdadeira. Sabemos todos que é afflictivo o espectáculo de uma grande dôr physica; e, não obstante, é maxima corrente em arte, que semelhante espectáculo no theatro, não commove a ninguem; alli vale sómente a dôr moral. Ora bem; applicae esta maxima ao vosso realismo, e sobretudo proporcionae o effeito á causa, e não exijais a minha commoção a troco de um equivoco.

E passemos agóra ao mais grave, ao gravissimo.

Parece que o sr. Eça de Queiroz quiz dar-nos na heroina um producto da educação frivola e da vida ociosa; não obstante, ha ali traços que fazem suppor, á primeira vista, uma vocação sensual. A razão disso é a fatalidade das obras do sr. Eça de Queiroz,—ou, noutros termos, do seu realismo sem condescendencia: é a sensação physica. Os exemplos accumulam-se de pagina a pagina; apontal-os, seria reunil-os e agravar o que ha nelles desvendado e crú. Os que de bôa fé suppõem defender o livro, dizendo que podia ser expurgado de algumas scenas, para só ficar o pensamento moral ou social que o engendrou, esquecem ou não reparam que isso é justamente a medulla da composição. Ha episodios mais crús do que outros. Que importa eliminál-os? Não poderiamos eliminar o tom do livro. Ora, o tom, é o espectáculo dos ardores, exigencias e perversões physicas.

Quando o factio lhe não parece bastante caracterizado com o termo proprio, o auctor accrescenta-lhe outro improprio. De uma carvoeira, á porta da loja, diz elle que apresentava a sua «gravidez bestial». Bestial, porque? Naturalmente, porque o adjectivo avoluma o substantivo; e o auctor não vê alli o signal da maternidade humana; vê um phenomeno animal, nada mais.

Com taes preocupações de escola, não admira que a penna do auctor chegue ao extremo de correr o respos-teiro conjugal; que nos talhe as suas mulheres pelos aspectos e trejeitos da concupiscencia; que escreva reminiscencias e allusões de um erotismo, que Proudhon chamaria omnisexual e omnimodo; que no meio das tribulações que assaltam a heroina, não lhe infunda no coração, em relação ao esposo, as esperanças de um sentimento superior, mas sómente os calculos da sensualidade e os «impetos de concubina»; que nos dê as scenas repugnantes do *Paraizo*; que não esqueça siquer os desenhos torpes de um corredor de theatro. Não admira; é fatal; tão fatal como a outra preocupação correlativa. Ruim molestia é o catarrho; mas porque lião de padecer della os personagens do sr. Eça de Queiroz? No *Crime do Padre Amaro* ha bastantes affectados de tal achaque; no *Primo Bazilio* fala-se apenas de um caso: um individuo que morreu de catarrho na bexiga. Em compensação ha infinitos «jactos escuros de saliva». Quanto á preocupação constante do accessorio, bastará citar as confidencias de Sebastião a Julião, feitas casualmente á porta e dentro de uma confeitaria, para termos occasião de ver reproduzidos o mostrador e as suas pyramides de doces, os bancos, as mesas, um sujeito que lê um jornal e cospe a miúdo, o choque das bolas de bilhar, uma rixa interior, e outro sujeito que sáe a vociferar contra o parceiro; bastará citar o longo jantar do conselheiro Accacio (transcripção do personagem de Henri Monnier); finalmente, o capitulo do theatro de S. Carlos, quasi no fim do livro. Quando todo o interesse se concentra na casa de Luiza, onde Sebastião trata de reaver as cartas subtraídas pelo creada, descreve-nos o auctor uma noite inteira de espectáculo, a platéa, os camarotes, a scena, uma alteração de espectadores. Que os tres quadros estão acabados com muita arte, sobretno o primeiro, é coisa que a critica imparcial deve reconhecer; mas, porque avolumar taes accessorios até o ponto de abafar o principal?

Talvez estes reparos sejam menos attendiveis, desde que o nosso ponto de vista é differente. O sr. Eça de

Queiroz não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo; e dali vem que o tom carregado das tintas, que nos assusta, para elle é simplesmente o tom proprio. Dado, porém, que a doutrina do sr. Eça de Queiroz fôsse verdadeira, ainda assim cumpria não accumular tanto as côres, nem accentuar tanto as linhas; e quem o diz é proprio chefe da escola, de quem li, ha pouco, e não sem pasmo, que o perigo do movimento realista é haver quem supponha que o traço grosso é o traço exacto. Digo isto no interesse do talento do sr. Eça de Queiroz, não no da doutrina que lhe é adversa; porque a esta o que mais importa é que o sr. Eça de Queiroz escreva outros livros como o *Primo Bazilio*. Se tal succeder, o realismo na nossa lingua será estrangulado no berço; e a arte pura, apropriando-se do que elle contiver aproveitavel, (porque o ha, quando se não despenha no excessivo, no tedioso, no obsceno e até no ridiculo), a arte pura, digo eu, voltará a beber aquellas aguas sadias do *Monge de Cistér*, do *Arco de Sant' Anna* e do *Guarany*.

A actual litteratura portugueza é assaz rica de força e talento para podermos affiançar que este resultado será certo, e que a herança de Garrett se transmittirá intacta ás mãos da geração vindoura.

ELEAZAR.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XIV

Travou-se debate alrespeito da proposta do deputado Alencar, pedindo ao Governo as razões ou motivos da prisão do coronel Costa Barros, eleito pela provincia do Ceará, e porque encarcerado, havia mais de tres mezes sem culpa formada, se achava impedido de exercer as funcções legislativas.

Nessa discussão patenteiam-se diversas circumstancias que estabelecem o estado dos espiritos, a inexperiencia da Camara, a incapacidade do ministerio para dar-lhe direcção e a ignorancia da maioria que não estava preparada para comprehender as funcções do Parlamento no regimen representativo e constitucional.

O deputado Velloso d'Oliveira esforçou-se em tentar provar que o Governo tinha competencia de proceder contra o representante cearense, conservando-o encarcerado sem culpa formada. Não via aquelle myope que, sob o ponto de vista legal, o acto do ministerio era arbitrario e um attentado contra o direito do cidadão. Mos-

trava ignorar que as assembléas legislativas na Inglaterra, por longo periodo de tempo, sustentaram lucta contra os arbitrios da prerogativa, quando os reis inglezes mandavam enclausurar na Torre de Londres os representantes que ouzavam censurar os actos da administração (1). Desse continuo conflicto resultou a immuni-dade para cada membro do Parlamento, não como um privilegio honorifico, mas qual necessidade reconhecida de independencia da consciencia e da liberdade da palavra. O deputado Velloso, porém, que vinha concorrer para organizar o regimen constitucional representativo, justificava o acto que destruía a immuni-dade e, com ella, a condição indispensavel ao exercicio das funcções de representante do povo. Pôde-se bem avaliar das habilitações que tinha a maioria da Camara no tocante ás questões constitucionaes. Era, portanto, facil ao Governo indicar-lhe a marcha que devia seguir. O Governo, porém, parecia estar quasi ao nivel da intelligencia dos deputados, que não passavam de méros aprendizes.

A Velloso, que mal entendia de assumptos de politica governamental, succedeu, na tribuna, Antonio Carlos, que combateu, com extrema vivacidade, a proposta.

A paixão que o orador paulista manifestava, provinha do interesse em manter a ordem de coisas estabelecidas pelo ministerio.

Releva não esquecer que a Camara não tinha nem pensamneto e direcção, nem planos e capacidade de traçar uma linha de proceder: evidentemente, seria guiada pelo Governo, ou pelos mais audaciosos. Havia um grupo de homens, dos quaes alguns se distinguiam por certa somma de conhecimentos litterarios e scientificos. Outros eram fazendeiros, ou sacerdotes, afeitos aos estudos da theologia dogmatica e moral de Schram e de Gazzaniga, ou do famigerado S. Thomaz d'Aquino — o *tardo e ruminante boi das Duas Sicilias*. Já era muito, nesses tempos, entender de coisas intellectuaes.

Os homens distinctos, aos quaes alludimos, não queriam tomar, sobre os hombros, o pezado fardo da responsabilidade dos desatinos do gabinete de 16 de janeiro: essa ardua tarefa, por força, cabia aos interessados. Eis ahi porque Antonio Carlos appareceu na arena dos combatentes.

José Bonifacio, desde 16 de janeiro de 1822, governava o paiz com o mesmo poder de que dispunha d. Pedro, acclamado Defensor Perpetuo. O principe depositava cega e profunda confiança no ministro que havia escolhido, convicto de que não só era o espirito mais illustrado no paiz e repu-

tado sabio em toda a Europa, mas ainda por vel-o cercado dessa veneração popular, que cresce na razão da intensidade da ignorancia e do fanatismo das multidões.

Ora, esta posição elevada e excepcional, creava, para os Andradas, uma situação grandiosa na politica do nascente Imperio. Os tres irmãos — José Bonifacio, Martin Francisco, Antonio Carlos (cada um com talentos e meritos differentes) eram considerados os brasileiros mais notaveis e mais capazes de organizar e dirigir os negocios do Estado. Eil-os estadistas quasi por aclamação; elles nunca haviam aprendido nem praticado a sciencia do Governo. Elles formavam, por assim dizer, a segunda dynastia nacional, após aquella consagrada pela tradição antiga da realza hereditaria, representada no ultimo ramo bragantino.

A questão Alencar-Costa Barros, lançada no recinto parlamentar com excessiva reserva e moderação e até medrosamente, punha em saliente relevo as violencias do animo arbitrario que inspirava o governo do chefe reconhecido da dynastia *andradina*.

Desde 16 mezes, o paiz estorcia-se oppresso pelo ministerio; assim a discussão vinha, aviventando a lembrança dos soffrimentos, das permanentes perseguições, resultantes das despoticas portarias de devassas geraes, evidenciar que, sob o primeiro gabinete, o governo absoluto dominou despoticamente e que continuava o antigo regimen depois de proclamada a Independencia.

A discussão mostraria que o Governo que não possuia aptidões para resolver os problemas urgentes, ostentava-se empenhado na formação duma policia infrene sob o pretexto de conter ou exterminar os conspiradores — republicanos e carbonarios, dos quaes tanto se preocupava José Bonifacio nas portarias dirigidas ao intendente da policia.

Nós da posteridade (relativamente á geração de 1823) devemos lamentar que a Constituinte não tivesse tido nem o talento nem a coragem de esmerilhar todos os males, crupezas, violações de leis, actos escandalosos, violencias, ineptias, emfim tudo que praticou sem reboço o ministerio Andrada. Ora, si a Constituinte reunisse a coragem civica á experiencia, teria posto tudo em *pratos limpos* e não haveria, hoje, quem duvidasse da verdade historica, envolvendo o patriarcha no manto luminoso da *lenda*.

A Constituinte, medrosa e inexperiencede, apenas deslizou pelos factos. Antonio Carlos tinha interesse em abafar a proposta de Alencar, evitando, desta sorte, que a discussão concitasse odios contra o ministerio que

lhe convinha sustentar para manter a ordem de coisas creadas por elle e em bem da preponderancia da trindade *andradina*.

Sob tal inspiração, o orador paulista assomou na tribuna. Evitou penetrar no amago da questão de legalidade, de violação da lei, de usurpação de direitos. Atirou-se, afoito, aos enleios dos sophismas, aos páramos das abstrações constitucionaes da divisão dos poderes, das ingerencias indebitas na esphera de acção de cada um, concluindo que, si a Camara tomasse conhecimento do caso Costa Barros, cometteria grave erro e, para evital-o, exclamou: *não comecemos desde já a empolgar um poder que não nos pertence.* (2)

Comprehende-se a surpresa e a indecisão da Camara, que, na verdade, não conhecia as theorias e o meneio das peças do mechanismo do regimen representativo.

Os homens mais atilados e lidos nessas materias, ironicamente sorriam, ouvindo o publicista ministerial. A maioria, attonita, não sabia o que fazer depois das sentenciosas palavras do pontifice do constitucionalismo.

Antonio Carlos, provavelmente por calculo, uzou desta tactica, empregando a metaphysica da jurisprudencia constitucional, para deslumbrar, com a sua scintillante e volumosa sciencia, os inexpertos constituintes e conseguir esconder os actos violentos e detestaveis, praticados pelo governo de seu irmão.

Suppor que a Assembléa recuará e não tomaria conhecimento do caso e encerraria logo a discussão, receiando perguntar ao poder executivo por materia da exclusiva competencia delle.

Assim o orador paulista, julgando-se triumphante, ainda se esforçou em affirmar que a pergunta da proposta Alencar evidentemente era uma ingerencia nas attribuições do executivo e do judiciario.

O ponto de partida de suas theorias de direito constitucional, as deducções de seus raciocinios, os lampejos da luz de sua erudição não lhe honram a lealdade de politico, a boa fé de patriota, amigo das liberdades populares e, muito menos, a proficiencia do orador publicista, que, a esmo, citava praxes e uzos do parlamento inglez; pelo contrario, incutiram nos discursos evidentes provas de ignorar taes uzos e praxes, como adeante apuraremos, em momento opportuno.

O deputado Alencar, com accentuada moderação e lucido criterio, soube replicar e, desdenhando a espalhafatosa verbosidade do afamado contendor, concluiu interrogando á Camara si era, abandonando o cidadão opprimido que ella exerceria a augusta missão de guarda dos direitos: e si

ella poderia mesmo existir, não salvando um dos seus membros, como o eleito representante do Ceará.

O desacoroçoamento do preopinante, no meio do plumbeo silencio, indicava que havia perdido a esperança de arrancar Costa Barros das garras da policia ministerial. O proprio presidente da Camara foi tardo em submeter á votação a proposta, que provavelmente seria regeitada. Nessa perplexidade geral, ergue-se das bandas da bancada pernambucana, o deputado Araujo Lima (marquez de Olinda), e assim falou: — «emquanto tratava-se de um prezo em consequencia de processo criminal, entendi dever abster-me de tomar parte no debate; porém, estando provada a illegalidade da prisão sem culpa formada e retido o cidadão por mais de tres mezes sem processo e julgamento e verificado que o prezo está eleito membro da Assembléa, onde já foi entregue o seu diploma, julga ser do dever da mesma Assembléa, tomar conhecimento do caso; por isso, requer que o diploma seja remettido á commissão de poderes para que, á vista do parecer, se possa tomar algum alvitre razoavel.»

Araujo Lima, desta sorte, apresentou uma taboa de salvação, a que todos se agarravam. O presidente poz logo a votação o requerimento, que passou por grande maioria. O proprio Antonio Carlos, membro da commissão e que havia combatido a proposta, declarou que não haveria duvida em dar parecer. Estas subitas mutações eram habituaes em Antonio Carlos, que sempre foi um espirito no qual as sensações não eram dominadas pela reflexão no labor paciente duma consciencia psychologica, que discrimina e fórma os elementos dos seus juizos. Os oradores, poetas e artistas são todos desta natureza impressionavel e, muitas vezes, procedem por inspirações instantaneas, incoherentes, illogicas e absurdas.

Antonio Carlos, opinou e sustentou que a prisão foi legal; justificou arduamente o acto do ministerio; assellou haver *resaios de injustiça em censurar o magistrado inaudito* que instaurou o processo, confessando, todavia, que ignorava si justa ou injustamente. Num de seus arrojos de fatuidade, reconhecendo que a prisão durava mais de trez mezes, atreve-se a pensar que não é um constrangimento illegal e iniquo e que, no caso de julgar-se o cidadão opprimido em seus direitos, requeira a *nós como paes da patria, guardas dos direitos*, e então lhe daremos soccorro.

Os sophistas em Athenas invejariam este surto!

A prisão ficou manifestamente julgada acto de injustificavel arbitrio

e despotismo do ministerio que governava o paiz, (aspirando possuir os direitos da liberdade moderna e as garantias constitucionaes) ainda segundo as praxes do regimen antigo. Tudo isso se fazia por ordem de José Bonifacio, prodígio em expedir portarias e em mandar abrir devassas geraes. Não havia symptomas de conspirações, que dêssem, siquer, a taes actos de violencia e de oppressão, as apparencias da necessidade de manter e salvar a ordem publica. Esses actos, de um despotismo parvo e de quixotismo, procediam já do temperamento irritado e da preocupação de lobrigar, por toda parte, carbonarios, republicanos e conspiradores; já das intrigas e dos odios da gente que formava o *consistorio privado*, composto do portuguez José dos Cacos, dos brazileiros Orelha e Miquelina, do hespauhol Lafuentes e doutros, que intrigavam e influíam no animo do prepotente ministro, o qual imitava os gestos imperiosos, a attitudo imponente, as portarias perversas do truculento conselheiro de el rei d. José.

As prisões estavam cheias de cidadãos brazileiros e portuguezes. Na casa do Parlamento succediam-se petições, reclamando pela liberdade dos perseguidos: ora os brigadeiros Nobrega Coutinho e Moniz Barreto; ora o jornalista portuguez Soares Lisbôa, intrepido luctador da Independencia e muitos outros pediam soccorro. Entre elles nota-se um certo Gama, encarcerado no Recife e na Assembléa, defendido pelo deputado Lopes Gama, (visconde de Maranguape). Todos elles eram victimas da policia do gabinete de 16 de janeiro.

Releva lembrar que estes factos se passavam á revelia do Imperador, que deixava ao seu ministro acção completamente livre no meneio do machinismo administrativo. O Imperador amava o poder absoluto; mas, como era dotado de character franco, altivo, impetuoso, não se comprazia com os enredos do absolutismo; queria ser obedecido; mas aborrecia o papel de perseguidor. O seu ministro, porém, nutria-se de todas as minudencias e tricas duma politica suspeitosa e, ás vezes, feroz.

Urge observar que tal era o estado do terror *andradino* que a propria Assembléa, que viu prezo o deputado Costa Barros, hesitava em apurar a crise que affligia a população. Ainda os mais ousados representantes, como Alencar, padre Dias, Carneiro da Cunha, mostravam-se comedidos. O terror, até debaixo do tecto legislativo, vagava de sorte que arrancava aos legisladores as seguintes expressões— «si aquelle que primeiro pegou da penna para defender os nossos direitos, é no tempo em que existiam as baio-

netas d' Avilez, nesta côrte é assim recompensado, invadindo-se e profanando-se o santuario na casa para o assassinar mesmo no seio de sua familia, como se pôde esperar que outros sejam poupados?...»

«Eu pretendia falar disso; hesitei e desisti do meu intento. O terror domina sob a protecção poderosa do ministerio, terror como foi, em França, no tempo de Robespierre. Onde se praticam semelhantes attentados não ha segurança individual. Como polherei eu, deputado, dar livremente e sem receio, o meu voto, quando vejo um escriptor, só porque emite suas opiniões com mais liberdade e franqueza sobre negocios politicos, por tal fórma atacado! Si emfim todos os que votavam aqui a favor da anistia já mereceram o titulo de desorganizadores!... Uma especie de terror se apodera de todos; receiam-se os *espíões* e sabe-se que as masmórras estão cheias de victimas innocentes...» (3).

Não se attribuiam a d. Pedro esses actos de rigor e de violencia, mas tódo mundo sabia da cega e profunda confiança que o Imperador depositava em seu ministro. Assim, a Constituinte não ouzava nem tomar contas, nem atacar o ministerio e parecia prostrada e entorpecida; não era, de certo, uma Assembléa capaz de assoberbar os perigos duma crise.

Quem ler, com attenção, os debates parlamentares, não conhecendo a série das perseguições da policia *andradina*, naturalmente pergunta «si, no recinto da representação nacional, não havia a coragem civica, ou ao menos a consciencia indignada do dever, para stygmatisar tantos desatinos.»

Os deputados conheciam esse deploravel estado de coisas; quasi todos sentiam se lhes gelar a vóz nos labios. Bem raros se arriscaram a romper, com prudencia e reservas, o silencio, como Alencar, que reclamou pela liberdade do collega cearense. Donde vinha esse temor? E' facil de atinar com as origens. Em primeiro logar, a nação, educada no antigo regimen, ainda não tinha perdido os velhos habitos; não tinha adquirido ou exercido a força, que dá a consciencia das novas idéas. A nação via em d. Pedro o herdeiro legitimo da monarchia tradicional e temia e o respeitava, como os avengos prostrados perante d. João V, ou d. José.

O ministro do rei era olhado, sinão como a sombra de sua pessoa, qual o instrumento de *seu bel-prazer*. Si d. Pedro inspirava esse pavor da monarchia, José Bonifacio, seu ministro e mentor, representava aos olhos de todos a truculenta imagem do Marquez de Pombal, que, em portaria,

classificava crime — o criticar o ministro de s. magestade, pensamento que José Bonifacio reproduziu tambem numa de suas portarias. Esse crime era classificado na categoria de *lézagem* e punido pelo tremendo alvará de 1818, que a todos apavorava.

Em segundo logar, a inexperiencia do poder parlamentar para reduzir o executivo (então armado de todas as faculdades) á justa e limitada esphera de suas attribuições. Em terceiro logar, nenhum dos constituintes concebia a idéa de ser auxiliado pela opinião publica para expulsar do Governo o ministro arbitrario, que, na carencia de Constituição decretada, não tinha, ao menos, o pundonor de respeitar a lei moral e os deveres humanitarios, cuja observancia já era exigida pela philosophia e pelos costumes da civilização do principio do seculo XIX.

A respeito do requerimento de Araujo Lima, as commissões de poderes e legislação deram o seguinte parecer: «que não se descobre na dita resposta do deputado Costa Barros objectos que exijam providencias, nem ellas são positivas e regularmente pedidas e que quando algumas providencias demandassem as circumstancias em que se figura o dito deputado, não são da competencia da Assembléa.»

Não vale a pena perder tempo em decifrar esta clarada. Não ha neste parecer nem criterio, nem sciencia; sómente confirma a incapacidade e inexperiencia e o medo da Constituinte; todavia, produziu o almejado exito. A Camara deliberou officiar ao Governo, pedindo que soltasse Costa Barros, o qual, livre da prisão, compareceu ás sessões legislativas. Assim terminou o primeiro conflicto entre os dois poderes rivaes, conflicto em que o legislativo representou um papel muito secundario, o que prova a preponderancia do executivo na primeira phase da vida constitucional da sociedade brazileira.

Esse caso Costa Barros não é unico; multiplicam-se durante o ministerio de 16 de janeiro; as devassas da policia encheram os carceres de infelizes cidadãos, victimas dos espíões policiaes, *adestrados operarios da obra da liberdade constitucional, que a dynastia andradina queria fundar para felicidade da patria.*

Não haverá um só dos nossos leitores que, tendo ouvido a *lenda* do patriarcha e tendo sido educado na veneração religiosa do seu nome, não diga, repassado de surpresa, vacillante de duvida: «nunca pensei que o governo de José Bonifacio fôsse aquillo que documentos historicos irrecusaveis demonstram que foi.»

E', sem duvida, certo que a *crúa* realidade muito se differença das se-

ductoras ficções creadas pela imaginação, essa fallaz historia, que, nos illudindo desde a juventude, nos acompanha até ás horas amargurosas da velhice ! . . .

O caso Costa Barros põe, ante os olhos da posteridade, o periodo angustioso que o povo brasileiro atravessou, tendo feito supremos esforços para fundar, com a Independencia, a liberdade civil e politica, e tendo tido a desgraça de ser governado por um principe desejoso de fazer o bem, mas inexperiente na sciencia do Governo, e por um ministro, que, sabio naturalista, pensava que o governo dos homens não se differenciava da classificação das materias inertes, sem vida, sentimento, vontade, aspirações e idéas.

Costa Barros foi prezo por méra suspeita de conspirar, ou, antes, por criticar a inepta politica do ministro; é membro da Constituinte; fica tres mezes retido no carcere; depois d'alguma discussão no parlamento e reclamação deste, o poder executivo manda pol-o em liberdade. Tudo isso começou ameaçador, como uma sentença de morte por causa do alvará de 1818, e acabou qual ridicula e insensata comedia. Tudo isso mostra que as conspirações não passavam de coisas imaginarias, ou que o regimen de governo do primeiro ministerio não foi sinão a continuação, o prolongamento do despotismo da mouarchia tradicional e que José Bonifacio administrou o Brazil dessa epocha da mesma sorte que Manique dirigia os negocios publicos de Portugal: a mesma incapacidade, o mesmo arbitrio, a mesma deficiencia de senso moral, a mesma inconsciencia da justiça, a mesma violencia contra a liberdade. . . Entretanto, as gerações que succederam á da Independencia, o proclamaram o fundador da liberdade no Brazil!!!

Resta saber si as gerações novas, esmerilhaudo conscisa e minuciosamente os factos, renunciando o direito de pensar por conta propria, se submeterão a crer estupidamente nas mentiras creadas e propagadas pela ignorancia de muitos e pelo calculo de poucos. As gerações novas não prezizam empunhar o instrumento do iconoclasta; basta que examinem e estudem os factos em sua realidade com critica e imparcialidade, sem o delirio dos enthusiasmos.

Ora, si assim procederem, não passarão pelas ignominias daquelles que abdicam a independencia da razão, que é um dos mais bellos titulos que nobilitam a consciencia do genero humano. Não embeberão o esplendor da verdade nas trevas do erro. Demais, para que serve a uma nação, que ama ser livre e forte, converter as

miserias do passado, os horrores do despotismo em fasto nacional?

Na infancia dos povos, os poetas pódem inventar poemas que engrandecem figuras homericas e glorifiquem heróes pindaricos. Os historiadores, porém, nos tempos hodiernos, são sacerdotes do culto da justiça, da razão e da verdade. . . Estudemos o nosso venerando patriarcha tal qual foi, agitando-se no meio social em que viveu; trabalhando com um povo não preparado pela mão pujante e prodigiosa da civilização. E' escusado metamorphozeal-o; cumpre exhibil-o em sua figura humana, esforçando-se no labor patriótico sem que lhe apreçoemos as raras virtudes e os portentos do genio; sem que lhe exagremos os erros e males, os actos de iniquidade e perseguições de seu governo, que, na verdade, foi infecundo, destituído de luminosas concepções do estadista, que, por um trabalho intelligente, sabe crear a illustração, manter a grandeza, incrementar a opulencia e dar á sua patria força, poder, liberdade e gloria.

O patriarcha, despido do manto de luz que a lenda lhe poz nos hombros, reduzido a proporções humanas, não deixa de ser um dos brasileiros dignos da veneração sincera das novas gerações, que preferem a justiça e a verdade ao fanatismo musulmano, avolumado pela insania e subserviencia.

A Camara Constituinte reuniu-se e trabalhou sob o ministerio, que não soube adestral-a nem lhe imprimir direcção e que, pelo contrario, lhes absorveu o tempo esterilmente nas questões suscitadas por causa dos effectos das portarias, das devassas; por causa das perseguições dos Manique ministerial. A Camara, inexperiente, não era só incapaz de dirigir-se por iniciativa propria; via-se, ainda mais, coacta e atordoada de pusillanimes desconfianças a tal ponto que um dos deputados declarou (no discurso supracitado) que temia dizer o seu pensamento e dar o seu voto, porque os *espiões* farejavam até no proprio recinto legislativo e atacavam os representantes do povo na imprensa official com evidente consentimento do gabinete.

Era esse o sentimento geral que entorpecia a Assembléa ate 17 de julho, quando inesperadamente fôram expulsos do poder os irmãos Andradas. A Constituinte parecia então respirar livre do terror que a confrangia e a população deixou de ser victimada, como tinha sido desde 16 de janeiro de 1822. Os trabalhos legislativos começaram a ter outro desenvolvimento. Novos projectos, que comprehendiam os interesses publicos, fôram apresentados e discutidos com calma e discernimento. O grupo dos intelle-

ctuaes, no meio das mediocridades da maioria, animou-se a tomar parte mais activa no desempenho de suas funcções legislativas. O novo ministerio, comquanto não tivesse, siquer, as apparencias de representar as idéas e a voutade do parlamento, foi, todavia, bem acceito, mesmo porque livrou a todos os representantes do funesto terror *andradino*, que empeceu a regularidade dos trabalhos durante os primeiros mezes. O novo ministerio fez um grande serviço, tomando a judiciosa deliberação de acabar com as devassas, obrigando a conter-se dentro das raias da moralidade, do respeito ao direito, e a despedir os *vigias seguros*, que José Bonifacio tanto recommendava ao intendente.

Não houve mais sombra das imaginarias conspirações de republicanos.

Os Andradas, expulsos do gabinete, ficaram despeitados e, nutrido contido rancor, voluntariamente exilaram-se do recinto da Cadeia-Velha, onde não podiam, agóra, simular prestigio e dominio. José Bonifacio requereu licença para auzentar-se da Côte, onde continuou a permanecer. Mais tarde, o conflicto dos militares com o boticario do largo da Carioca, o fará voltar á Camara e, com os irmãos e alguns amigos, explorará aquelle conflicto e o converterá numa provocação — impotente represalia da demissão que o nullificára, privando-o do exercer o governo do Estado, como verificaremos na successão dos acontecimentos.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Vide Hallam, Macaulay, E. May, etc.

(2) *Diario da Camara*, vol. I, sessão de 6 de maio.

(3) Vide o *Diario da Camara*, vol. 2^o, pag. 25, sessão de 9 de junho.

O ALMIRANTE (73)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

Dominada por uma languidez invencível, Hortencia estirou-se no divan de couro da Russia; a formosa cabeça pendeu nas almofadas do espaldar, deixando-lhe em relevo o pescoço, o collo, a curva dos seios opulentos; os cabellos, desfeitos, escorreram lentamente pelas costas do movel, exalando uma suave emanação de mulher vigorosa, um suave cheiro ligeiramente acre, feito de essencias mysteriosas em que se confundiam perfumes de rosas seccas, de madeiras resinadas, das preciosas pelles que se comprimiam á pressão do corpo em abandono, e se modelavam em ampolas lustrosas, em rugas am-

plas a scintillarem ao reflexo parado da tenue lampada. A bocca entreaberta na attitude de uma palavra interrompida, deixava passar o tenue ruido do halito morno; as palpebras, franjadas de longas pestanas, se cerraram pesadas; o seio affava imperceptivel numa placidez de somno infantil.

Impressonada pelo silencio, a marquezeta ergueu-se, aproximou-se cautelosa; expreitou por uma prega da cortina entreaberta e sentiu-se empolgada de maternal ternura ao espectáculo daquelle grupo suggestivo, esfumado na penumbra do aposento.

—Pobresinha! — murmurou ella — Dorme... Como é bella!... Eu velarei por elles.

E voltou tremendo de commoção, ao seu posto de carinho, de sollicita sentinella na ampla poltrona, immersa na sombra.

Cerca de meia hora depois, Oscar despertou estremunhado, ergueu-se a meio sobre o leito, olhou em torno numa ancia de se certificar da realidade das coisas estranhas, confusas, povoando o ambiente, como phantasmas, de um prolongado somno de enfermo e fixou deslumbrado olhar na figura de Hortencia, adormecida em sensual abandono, suscitando-lhe no cerebro conturbado a reconstrucção dos factos, lentamente, aos pedaços, como si sobre elles houvesse passado um longo periodo de agitação em que as paginas de suas recordações fôsem dispersas por um sopro de olvido. E, á proporção que se concatenavam os incidentes, á medida que se clareavam os pormenores obscuros daquelle rapido trecho de existencia, a duvida se desdobrava em estupefacções ante a realidade inverosimil; desfaziavam-se de novo os frageis élos da trama de sua memoria, concentrando-se todos os seus sentidos na contemplação da creatura adoravel, alli junto, ao alcance dos seus labios caldeados numa febre de volupia, arquejantes na tentativa de um beijo que não ouzavam dar, o beijo que signalaria os seus direitos de esposo.

Como si lhe crestasse as faces o halito quente de Oscar, Hortencia desviou o rosto, murmurou algumas phrases imperceptiveis, que lhe surgiam dos labios entre suspiros, no tom dolente de um vago queixume, espreguiçou-se num movimento felino e tombou de novo em seductor desalinho. O rosto do enfermo se tornou rubro; as temporas lhe latejavam; os olhos se lhe toldavam e, num esforço violento, desordenado, elle estendeu, tateando, as mãos hirtas para abraçá-la.

A marquezeta ouviu um grito de socorro, correu para a bibliotheca e deparou-se-lhe a scena horrivel de

Hortencia a se debater nos braços de Oscar, agitado numa lubricidade de satyro.

— Guilinha! Guilinha — bradava Hortencia, defendendo-se com esforço herculeo dos beijos devoradores...

—Oscar, Oscar! — exclamou a marquezeta, cortada de pavor. Que é isto, meu filho?!...

Oscar murmurava offegante palavras incompreensiveis, mantendo a moça preza pela cintura e buscando-lhe, numa ancia louca, as faces lividas de pavor. Num movimento violento, ella se libertou do seu amplexo feróz e atirou-se exanime sobre o leito.

—E' o delirio, o delirio! — exclamou Hortencia, concertando as vestes e procurando abrigo junto da marquezeta — Oscar enlouqueceu...

—Não, não é possivel! Que fazer, que fazer?...

E a marquezeta se aproximou do enfermo, tomou-lhe as mãos, palpou-lhe a fronte, encostou-lhe o ouvido ao coração, que se movia em pulsações lentas, espaçadas, como si lhe fugisse rapidamente a vida, exgottada naquella explosão apaixonada.

—Vamos, coragem, minha filha — recommendou a marquezeta, com extraordinaria firmeza, animada pela esperanza de vencer aquella crise — Vamos váe chamar alguém, váe ver si o medico já chegou: é a hora da visita... Eu ficarei velando por elle; váe, váe...

Hortencia obedeceu e voltou poucos momentos depois com d. Eugenia e Marianninha, cortadas de susto, acompanhadas pelo fiel creado.

—E o medico? — perguntou a marquezeta, anciosa, a prescrutar no semblante livido de Oscar os vacillantes signaes de vida.

—Não deve tardar — respondeu Marianninha, tranquillizando-a — Não tenha receio, isto passará; foi uma allucinação... Coragem! Ouço o rodar de um carro...

Era, com effeito, o medico, que momentos depois entrava no aposento.

—Que aconteceu — inquiriu elle, examinando calmo e sereno o enfermo — Socegnem; não ha motivo para tamanho susto — o nosso almirante está muito fraco, vamos reerguer-lhe as forças...

E escolhendo entre os medicamentos arrumados sobre a meza, o doutor preparou nma dóse de calmante, que entornou nos labios entreabertos de Oscar.

—O caso é grave — continuou o medico, observando-o attentamente — mas não é desesperado... E a senhora — continuou elle, voltando-se para Hortencia — tão forte, tão energica, de uma intrepidez que fazia honra ao seu sexo... Que foi isso? Como desanimou de repente?...

(Continúa)

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

O Club Internacional de Xadrez, dissidente do Club de Xadrez de S. Paulo, installou-se no dia 1º do corrente mez na Galeria de Crystal. Já conta 61 socios e a sua primeira directoria ficou assim constituida: presidente, dr. J. E. Macedo Soares; vicepresidente, dr. Vicente Guilherme; secretario, José Alves de Araujo; thezoueiro, Luiz Vasconcellos; 1º dirigente, Salvador Mellilo; 2º dito, Paulo Jerosch; commissão de finanças, Octaviano Motta, J. Motta e José Neves Lobo.

**

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

A série de partidas jogadas no Café da Regencia, em Paris, entre Janowski e Taubenhans terminou a 2 de janeiro. Janowski ganhou as tres primeiras partidas; a quarta foi empate; Taubenhans ganhou a 5ª e a 6ª. Resultado final:

Janowski..... 3 1/2 pontos
Taubenhans..... 2 1/2 "

— A 16 de dezembro ultimo realizou-se em Londres, no Café Mecca, um *match* entre os condados de Surrey e de Kent com 50 jogadores de cada lado. O campo de Kent alcançou a victoria por 27 partidas contra 23.

— Annuncia-se para julho, em Nuremberg, um grande torneio em muitos turnos, no qual tomarão parte os 15 maiores jogadores do mundo.

— Em janeiro começou em S. Petersburgo o 4º torneio russo.

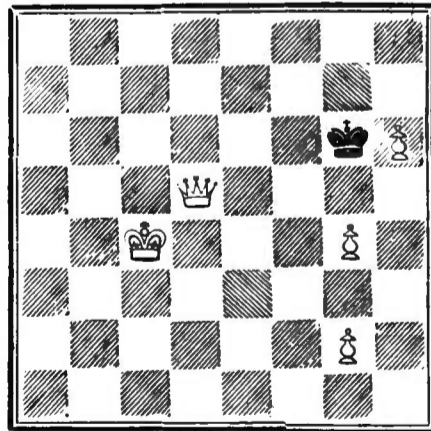
— O torneio annual entre as 4 universidades americanas Columbia, Harward, Princeton e Yale, foi ganho por Harward. Estes torneios se realizam com 4 jogadores em cada campo. Desde 1892 já se effectuaram 14: Harward ganhou 9, Columbia 4, Yale 1 e Princeton 0.

**

PROBLEMA N. 40

A. G. Corrias

PRETAS (1)



BRANCAS (5)

Mate em tres lances

**

PARTIDA N. 42

(Jogada a 19 dezembro de 1905 no Café da Regencia, Paris)

PARTIDA DOS TRES CAVALLOS

Branças		Pretas	
(Janowski)		(Taubenhans)	
P 4 R	— 1 —	P 4 R	
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D	
C 3 B D	— 3 —	B 5 C D (a)	

B 4 B D	— 4 —	P 3 D
C 2 R	— 5 —	C 3 B R
C 3 C R	— 6 —	B 3 R (b)
B 3 C D	— 7 —	B 4 B D (c)
Roque	— 8 —	D 2 D (d)
P 3 B D	— 9 —	Roque T R
P 4 D (e)	— 10 —	P × P
P × P	— 11 —	B × B
P × B	— 12 —	B 3 C D
B 5 C R	— 13 —	C 1 R
C 5 B R	— 14 —	P 3 C R (f)
C 3 R	— 15 —	C 2 C R (g)
C 5 D	— 16 —	P 4 B R
P 5 R (h)	— 17 —	P × P
P × P	— 18 —	D 2 B R
T 4 T D	— 19 —	C 4 T R
C 6 B R x	— 20 —	C × C
B × C	— 21 —	C 2 R (i)
C 5 C R	— 22 —	D 1 R
C × P	— 23 —	T 1 D (j)
D 1 B D	— 24 —	T 2 B R
C 5 C R	— 25 —	D 3 B D
D × D	— 26 —	P × D
T 4 T R	— 27 —	T × B
P × B	— 28 —	C 4 D
P 7 B R x (k)	— 29 —	abandonam

(a) Uma transposição de lances com 3... C 3 B R, que devia ser jogado neste ou no lance seguinte.

(b) Lance inferior, a menos que as Brancas não troquem os B, lo que não se podia esperar de Janowski na posição presente. Um dos C brancos irá a 5 B R e difficil será desalojar-o. As Pretas podiam procurar simplificar a posição por 6... C × P; 7 — C × C, P 4 D.

(c) Em logar de perder um tempo com este B, melhor seria preparar ao B, por 7... P 4 D, uma retirada mais favoravel que 3 C D.

(d) Aqui para ameaçar com o avanço dos piões do centro, 8... C 5 C D era melhor.

(e) Começam um vigoroso ataque que é conduzido até ao fim sem a menor interrupção.

(f) 4... P 4 D não pôde ser jogado por causa de 15 — C 5 R, C × C; 16 — P × C com vantagem.

(g) 15... C 2 R ou 15... P 3 B R comparativamente era melhor.

(h) 17 — C 6 B R x, T × C; 18 — B × T, P × P dava ás Pretas uma compensação pela troca. Janowski acaba a partida de uma maneira mais artistica.

(i) Si 21... P 3 T R, 22 — T 4 T R, ao qual não ha nenhuma resposta satisfactoria.

(j) Si 23... R × C; 24 — T 4 T R x, R 1 C; 25 — D 2 D, T × B; 26 — P × T, etc.

(k) Bella partida da parte de Janowski. (Notas de Hoffer.)

Tacito & Lipman. — Recebemos e agradecidos. Publicaremos no proximo numero.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 39 (A. Fraissé): R 6 R.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos « Annaes », dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

VISÃO INTERIOR

D'Ella, de minha amada, airosoa creatura
 Por quem ardente, na alma, o meu amor perdura,
 Da luz de seu olhar, serenamente doce,
 Tão limpido, a brilhar, qual se de um anjo fôsse ;
 Do sorriso sem par que os labios lhe clareia
 Como a estrella que á noite, ao-longo bruxoleia ;
 D'Ella nem uma só recordação me veio
 Jámais illuminar a noite em que tacteio...
 De sua alma eu indago a tudo quanto existe...
 E desde o olhar humano á solidão mais triste,
 Quer na luz da manhã, quer no fundo infinito
 Não encontro o clarão do sol que busco afflicto..

Pela selva cheirosa embrenho-me sem medo,
 E em seu rumor procuro entender o segredo
 Que parece existir por toda a natureza
 Immergindo este amor numa vaga incerteza...
 As arvores, porém, ao redor silenciam,
 E o ninho que balouça, as auras que cicíam,
 O rio que serpeia entre os cardos cheirosos,
 Sobre meu Doce Amor se quedam silenciosos !
 Amargurado, então, fitando a immensidade
 Com vehemencia interrogo:—O' céos, será verdade
 Que daquella a quem amo eu saberei jámais?—
 E, na angusta amplidão morrem meus tristes ais !...

Olho em volta, e, ancioso, o grande mar, além,
 Ergue o dorso e suspira alanceado tambem,
 Sacudindo no espaço um turbilhão de espumas,
 Que depois se desfaz em vaporosas brumas.
 Acaso, ó meu irmão no occulto soffrimento,
 Pergunto, não trarás á minha alma um alento ?
 Ah ! quem sabe ? Talvez pelo esconder do sol
 Lá pela extensa praia, envolta no arrebol
 Da luz que se escondia, Ella tenha exhalado
 Um saudoso suspiro, em vaga transformado...
 E por isso minha alma aneia recolhendo
 O solemne fragor das ondas se estorcendo...

Emfim, ao sol, ao mar, como á selva cheirosa
 E tambem á mansão siderea e magestosa,
 Suppliquei uma só, mesmo vaga noticia
 D'Essa que foi a luz, suavidade e caricia
 De uma phase feliz e por isso fugaz.
 Mas, um silencio em tudo infundiu-se tenaz !
 Então dentro em minh'alma, inebriante de amor,
 — Qual se acaso num sonho eu me visse transpor
 A longinqua extensão que agóra nos separa —,
 O seu vulto gentil, de expressão nóbre e rara
 Apareceu risonho, encantador e terno,
 — Como um sol deslumbrante após um longo inverno !...

Rio — 1906.

POMPLIO DOS SANTOS.